

# Textos de José Régio

Vem por aqui" — dizem-me alguns com os olhos doces  
Estendendo-me os braços, e seguros  
De que seria bom que eu os ouvisse  
Quando me dizem: "vem por aqui!"  
Eu olho-os com olhos lassos,  
(Há, nos olhos meus, ironias e cansaços)  
E cruzo os braços,  
E nunca vou por ali...  
A minha glória é esta:  
Criar desumanidades!  
Não acompanhar ninguém.  
— Que eu vivo com o mesmo sem-vontade  
Com que rasguei o ventre à minha mãe  
Não, não vou por aí! Só vou por onde  
Me levam meus próprios passos...  
Se ao que busco saber nenhum de vós responde  
Por que me repetis: "vem por aqui!"?  
Prefiro escorregar nos becos lamacentos,  
Redemoinhar aos ventos,  
Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,  
A ir por aí...  
Se vim ao mundo, foi  
Só para desflorar florestas virgens,  
E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada!  
O mais que faço não vale nada.  
Como, pois, sereis vós  
Que me dareis impulsos, ferramentas e coragem  
Para eu derrubar os meus obstáculos?...  
Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós,  
E vós amais o que é fácil!  
Eu amo o Longe e a Miragem,  
Amo os abismos, as torrentes, os desertos...  
Ide! Tendes estradas,  
Tendes jardins, tendes canteiros,  
Tendes pátria, tendes tetos,  
E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios...  
Eu tenho a minha Loucura !  
Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura,  
E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...

Deus e o Diabo é que guiam, mais ninguém!  
Todos tiveram pai, todos tiveram mãe;  
Mas eu, que nunca principio nem acabo,  
Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.  
Ah, que ninguém me dê piedosas intenções,  
Ninguém me peça definições!  
Ninguém me diga: "vem por aqui!"  
A minha vida é um vendaval que se soltou,  
É uma onda que se alevantou,  
É um átomo a mais que se animou...  
Não sei por onde vou,  
Não sei para onde vou  
Sei que não vou por aí!

*Poemas de Deus e do Diabo (1925)*

\*\*\*

NA PRAÇA PÚBLICA

«Eh, camaradas...! ouvi,  
«Que vou dizer-vos quem sois,  
«Pois vou dizer-vos quem sou.»

Depois,  
Tudo o que penso de mim,  
A minha boca o gritou.

2

Gritou assim:

– «Desde Job  
«Que sofro as minhas feridas  
«E as minhas resignações.

«Bastou: preciso falar!  
«Job, deixa uivar os leões!  
«(Tens uma jaula no seio...)

«Que este meu ar,  
«Estas vagas mãos caídas,  
«Estes vagos olhos fitos,  
«Este vago riso alheio,  
«– Não sei quem foi que mos deu!

3

«Eu...?!

«Eu sou um doido aos gritos,  
«Um que torce as mãos e berra,  
«Com olhos cegos de pó,  
«Com boca cheia de terra,  
«Com sangue roxo nas unhas,  
«Com micróbios nos pulmões...

«Job,  
«Abre a grade aos leões!

4

«Camaradas...! Camaradas...!

«Eu sou um velho realejo  
«Que, farto já de esmoer  
«Velhas valsas descoradas,  
«Desandou,  
«E desatou a gemer  
«Coisas que ninguém do mundo  
«Lhe ensinara,  
«E que ele sempre guardara  
«No fundo,  
«Lá tão no fundo...!

«Eu?!, camaradas!

«Eu sou o esboço de Alguém  
«Que esteve quase a nascer,  
«Mas não nasceu.

«... Quem me não deixa ser eu?!

«Viver  
«É, para mim, duvidar,  
«Desvairar,  
«Interrogar,  
«Procurar-me,  
«Torturar-me,  
«Agarrar fumo nas mãos,  
«E acenar a uns meus irmãos  
«Que sinto perto, e não vejo  
«Por causa da multidão...

«Sou um desejo  
«Que não tem satisfação!...  
«Embrião  
«Que nunca pode ser flor,  
«(É esta a minha tragédia  
«E é esta a minha comédia)  
«Sou a Linha do Equador,  
«Que fica entre Cá e Lá...

5

«Senhor!...  
«Responde, Senhor,  
«Meu Autor,  
«Criador nosso,  
«Culpado disto que sou!

«Por que animaste o esboço  
«Da Obra que te falhou?

«Ah, camaradas...!»

6

E eu ia, enfim, revelar-me!  
Não sei que vento  
Me levantava os cabelos  
E me arrastava  
Num turbilhão...  
Todo eu era um alarme  
Que vibrava!  
Abria-se-me a prisão!  
Abriam-se  
As minhas fontes fechadas!  
Meus olhos doidos, fundiam-se  
Em lágrimas que nasciam  
Do coração...

Então,

Parei, sentindo risadas  
Entre aqueles que me ouviam.

E as suas caras diziam:  
– «Que charlatão!»

\*\*\*

Exortação ao meu anjo

Quando eu me deixar cair  
No sonho de adoecer para poder dormir,  
Fere-me com a tua lança!  
Reaviva em mim a dor, fonte de esperança.

Quando a verdade, que é nua,  
Me cegar como um sol, e eu me voltar para onde há lua,  
E procurar jardins convencionais e plácidos,  
Queima-me com os teus olhos ácidos!

Quando me for mais fácil a verdade do que ter  
Um papel de ator qualquer,  
Como aos que assim se recreiam,  
Faz-me exhibir-me bobo ante os que aplaudem ou pateiam.

Quando eu julgar, falando, dizer tudo,  
Faz ante mim sorrir teu lábio mudo!  
Quando eu me poupe a falar,  
Aperta-me a garganta e obriga-me a gritar!

Quando eu tiver medo do Medo  
E acender fósforos nos cantos rumorosos de segredo,  
Arrasta-me pelos cabelos  
Para entre os pesadelos!

Quando, a meio da noite e da ansiedade,  
Eu me rojar por terra e te pedir piedade  
Não me apareças nem me fales!  
Deixa-me só com o meu cálix.

Quando eu te falsificar,  
E alugar anjos de serrim em seus braços me embalar,  
Derrete o chumbo das casas:  
Leva-me no tufão das tuas asas!

Quando eu, enfim, não puder mais  
Por tuas próprias mãos belíssimas e leais,  
E sem caixões nem mortalhas,  
Enterra-me na terra das batalhas.

Quando, depois de morto, a glória  
Me levantar o seu jazigo e celebrar minha vitória,  
Desvenda os alçapões dos meus escritos  
E arranca à terra que me esconde os mais secretos dos meus gritos!

*As encruzilhadas de Deus (1936)*

## HISTÓRIA DE MULHERES (1968)

### MARIA DO AHÚ

Muitas vezes me lembra a Maria do Ahú, que ainda conheci. Viveu em Retorta, aldeia ou sítio na margem esquerda do Ave, quase em frente de Vila do Conde. Aí se conhece a história que lhes vou contar. Não digo que seja muito divertida; nem muito palpitante, embora um pouco estranha. Mas quase todas as histórias verídicas são mais ou menos assim.

O pai de Maria era um pobre cabouqueiro que trabalhava de vez em vez, se embebedava quando podia, e não tinha o que se diz mau fundo. Acabara por ficar viúvo com dois gandulos e a rapariga.

Mais ou menos criados aqueles, mortos dois, a cachopita nascera quando já se não esperavam outros filhos. De aí não haverem grandes manifestações de regozijo saudado a sua entrada no mundo. Ao ser-lhe apresentada a recém-nascida, a mãe dissera:

—Escusava-se cá este emplastro!

Era uma triste mulher azedada pela miséria, o vinho do marido, as dores do baço, os nascimentos e mortes dos filhos, o trabalho contínuo.

O pai mais ou menos estava formulando consigo opinião semelhante. Acabou por ter um alçar de ombros e um movimento do queixo, como quem aventa qualquer coisa ao destino: —Há de se criar pr'aí...

E criou. Mas era uma rapariguita escanzelada, esverdeada, olheirenta, muito mexida não obstante, e com grandes olhos inquietos, ao mesmo tempo assustados e como sôfregas, no fundo do bioco sempre repuxado à frente da testa. Sim senhor, eis uma sua mania! Fosse ele um velho lenço, um bocado de xaile, a roda duma saia rota, fosse o que fosse, sempre Maria havia de trazer qualquer coisa pela cabeça, puxada para diante, achegada à cara,—e os olhos salientes a escabulhar lá dentro. A mão esquerda prendia o capuz sob o queixo, muitas vezes por cima da boca; e a direita é que varria, é que esfregava, é que arrastava, é que arrumava, é que fazia todo o serviço. Aliás serviço de pobres, que não exige grandes apuros de higiene. Quando, muito raramente, lhe eram indispensáveis as mãos ambas, dava um nó no lenço, ou quer que fosse, por baixo do nariz.

—Tens dores de dentes?—perguntavam-lhe ironicamente. Abanava a cabeça com energia, a significar que não. A mãe dissera lhe uma vez:

—Oh, mulher, que nem te posso ver! Pareces uma Maria do Ahú. . .

E, tendo-lhe vindo tal figuração à idéia, repisava muitas vezes:

—Não que és mesmo uma Maria do Ahú!

Olhava-a com amargor e desprezo, desgostosa daquele ovo choco vindo já nos fins. Mentalmente repetia o dito que logo lhe saíra no dia em que se aliviara:

— "Escusava-se cá este emplastro!"

E assim ficou a Maria. do Ahú. As Marias do Ahú estavam representadas em painéis, nos altares, ou faziam parte do figurado nas procissões da Semana Santa. Eram, na mitologia do povo, as bentas mulheres que, chorosas e encolhidas nos mantos, acompanharam a paixão e morte de Cristo. Talvez por isso, Maria não desgostou nada de ficar a Maria do Ahú; embora, de seu verdadeiro nome escrito na sacristia, fosse Maria Leal Pinheiro, ou Pinheira,—aqui ninguém da família sabia ao certo. Perfeitamente dava, então, pão anexim que lhe pusera a mãe, e até só pelo último apelido:

—Ó Ahú. . . !

Algumas vezes ainda quis a mãe, aos domingos, torná-lo mais apresentável.

—Deus favoreceu-me bem favorecida com o último rebento. És a vergonha da minha cara, desinfeliz!

—Da nossa!—corrigia sarcasticamente o pai.

Dava-lhe o vinho, geralmente, para encarar o mundo e os seres dum ponto de vista sarcástico.

—Toda a gente faz escárnio de ti... —continuava a mãe.

Arrancava-lhe o bioco, lavava-lhe o rosto, passava-lhe o pente nos cabelos riçados. Afinal, não era feia que metesse medo! E mandava-a pra porta da rua, ou passear com as mais. Nem as mais, porém, faziam grande empenho na sua companhia, nem Maria do Ahú na delas. Errava pelos cantos e congostas; e voltava com a cara encafuada nas mãos, a maldita!, como se não tivera cara que pudesse andar à mostra, ou sofrera de moléstia ruim! Diziam-lhe então uma palavra, desfazia-se em choro. Acabaram por abandoná-la. A rapariga tinha aduela a menos. De nada valeria crivarem-na de chufas, ou, até, moerem-na de pancada.

—Deixem essa castanha pilada no saco!—disse o pai.

E mais ou menos ficou assente para todos: A garota não era certa, coitada! "Faltavam-lhe telhas no telhado". Mas como trabalhava, trabalhava que nem moira, fazia recados a toda a gente, parecia ter gosto em ser criada de toda a vizinhança, quem a não estimaria? E quem quer se servia de ela:

—Maria do Ahú, vais-me ali ao Zé Manco?

—Maria do Ahú, vista o meu Neca? Vais procurar-mo, vais?

—Maria do Ahú, custava-te ir buscar-me uma pinga de água?

E Maria do Ahú num foguete, as baquetas das pernas zumba que zumba, a mão esquerda, se não ambas, segurando o bioco, radiante!

As vezes, a mãe disparatava:

—Você é criada de todo o povo, sua palerma? Não vê que inda fazem pouco de si?

—Não fazem, não senhora.

—Cale-se, que você não entende nada! E aí! não sai de aí! Tenho uma filha pra andar ao mando de todos? Vão mandar as filhas delas, ora as fidalgas de...

Dizia uma palavra muito feia. E era uma negrura para Maria do Ahú: Ali sentada na arca, inútil, sem nada fazer, sem poder obsequiar!

Quando a mãe morreu, ficou a servir o pai e os irmãos. Com o sarro da velhice, do vinho, da miséria, o pai ia-se tornando insuportável. Os irmãos eram rapazes exigentes e ásperos, cheios de saúde, e, portanto, de brutalidades e pegas. Pais e irmãos pensavam que ela nascera para sua escrava; e ela pensava exatamente o mesmo. As vezes, brigavam uns com os outros: ora irmão com irmão, ora filhos com pai. Como eram eles, agora, que sustentavam a casa, mostravam-se arrogantes. Maria intrometia-se a querer pacificar,—e era o pandeiro da festa.

Repartia ainda os seus cuidados pelos animais sem dono, para quem guardava os restos das suas magras refeições. Cães e gatos mais ou menos esqueléticos e sujos andavam sempre atrás de ela. Comprava aos garotos da rua, por uma côdea de broa, os passarinhos que tinham aprisionado, às vezes estropeado. "Os animais são criaturinhas de Deus como nós" dizia. Os outros riam. Ao mesmo tempo se admiravam: Onde ia da aprender certos ditos? E bem se enganara quem lamentara Maria do Ahú! Era feliz assim.

Por esse tempo se deu um curioso episódio na sua vida. Como andasse, então, na flor dos seus dezoito anos, costumavam certas comadres picarem-na a respeito de rapazes:

—Quando arranjas um namorado, Maria do Ahú? —Vai sendo tempo, Maria do Ahú... — Acautela-te cos moços, Maria do Ahú!...

E até alguns malandretes chegavam a cochichar-lhe coisas muito mais atrevidas, quando não a fazer-lhe, brutalmente, propostas que ninguém ousaria transcrever em letra redonda.

Ora um refaço aparecera no sítio, vagabundo sem eira nem beira, a quem chamavam o Zé Bicho por ser todo peludo e mazombo. Alguma vez veriam o Zé Bicho tentar a porta de Maria, quando estava só? ou rondá-la de largo, noutras ocasiões? Veriam. Caso que é, começou o falatório: "Então não querem lá ver? O Zé Bicho namora a Maria do Ahú!" Falavam por galhofa, já se vê. Mas o ponto é que uma tarde, indo à fonte quando já escurecia, a Josefa Marcada vira o Zé Bicho e a Maria do Ahú desembocando do atalho do Cruzeiro. Estão a ver... a Josefa Marcada! Quem mais tem que se lhe ponha é que mais gosta de pôr quês nos mais. A notícia correu como bichinha de rabiari. Aquela hora, do atalho do Cruzeiro, e derretidos um no outro, os safados... E toda a gente de roda do pobre bioco: —Maria do Ahú, já tens o enxoval?

—Quando são os confeitos, Maria do Ahú? —Isso é pra bô fim, Maria do Ahú?

Mas o mais inesperado, o que dava mais riso e, por outro lado, quase fazia impressão, é que Maria parecia não ir muito fora dos ajustes! Não dizia que sim nem que não; e fazia umas divertidas gaifonas com a cabeça, escondendo mais a cara no bioco, a modos de quem, ao mesmo tempo, quer e não ousa confirmar a verdade. Só o nariz afilado vinha à tona; e os olhos buliçosos escabichavam ao fundo. Tu a ele mostras-lhe a cara, Maria do Ahú?

Passaram-se uns tempos; e pareceu que Maria andava caída: Não obsequiava com tanta presteza, aos domingos amodorrava todo o santo dia na Igreja, dir-se-ia esquivar as pessoas... Fosse mal natural ou que fosse, a cachopa descambava. Até algumas línguas danadas chegaram a deitar más suposições! A Josefa Marcada sorria de esguelha, (como experiente que era) com uns acenos de cabeça cheios de insídia. Mas os experientes também se enganam.

—Tu tens alguma coisa, Maria do Ahú? —Não senhora.

—Maria do Ahú, tu andas doente?

—Não ando, não senhora.

Até que se lembraram: —Maria do Ahú, aquilo acabaria?...

E vai ela, depois duma breve hesitação, com desespero:

—Olhe, acabou, sim senhora! Não era pra bô fim.

Este caso da Maria do Ahú foi rido e comentado anos a fio. Tal a espertalhona, Hem? Chamassem-lhe parva! Não era pra bô fim, cortou. E tão natural honestidade daquela pobre de Cristo encantou todas as velhas, e era apontada como exemplo às novas com mais instruções e menos siso. O Zé Bicho teve de desaparecer como aparecera, pois a cada passo era desfeitoado à conta das suas perversas intenções. Retorta repelia-o.

Após o que, nunca Maria do Ahú tornou a ter qualquer veleidade amorosa. Entrementes, o pai morreu de vez. Os irmãos casaram, um em Vila do Conde outro na Azurara. Generosidade incrível, esses brutinhos fora a alma tiveram um lampejo de gratidão: Em paga da paciência com que da os aturara, deixaram à irmã o casebre em que todos haviam nascido, e mãe e pai morrido, como já os pais da mãe. Fora a mãe que o trouxera em dote.

Maria do Ahú começou a envelhecer. E não ia envelhecendo feliz? Tinha umas telhas suas que a cobrissem; davam-lhe umas roupas usadas as mais assenhoradas do sitio; ia à lenha, pelas bouças, e os lavradores não na enxotavam; comia de escolas e dos serviços que fazia a toda a gente; e nem os garotos da rua se metiam com ela, à uma porque já estavam afeitos à sua figura, por outra porque ela a todos paparicava: Aprendera a tratá-los, de bom grado se prestava aos seus caprichos, e mendigava nas casas dos fidalgos quaisquer lambarices que lhes trouxesse. Pena, haver tão poucos fidalgos em Retorta! Era o senhor Abade, eram as senhoras Limas, eram as senhoras Limas, era o senhor Abade...

Nem sempre Maria dó Ahú andava muito limpa, coitada! Principalmente por causa dos garotos, dos cães, dos gatos, e do tempo que passava na rua. Mas, quando trazia gulodices aos seus pequenos, (e era uma grandessíssima calúnia aventar-se que alguma vez as furtasse!) trazia-as embrulhadas em fino papel de seda, ou branco de escrever... Não ia, pois, envelhecendo feliz?

Não, não ia!

Maria do Ahú não era feliz quanto pudera ser. Servia toda a gente, bem verdade; tinha preferidos a quem dispensava cuidados especiais;— mas faltava-lhe alguém de particularmente seu, ou de quem fosse particularmente escrava. Por esta falta vivia bastante só e triste, apesar de tudo: Os pais tinham-lhe morrido, os irmãos tinham-na deixado... Frequentava muito a Igreja, ouvia tudo que os senhores padres declamavam. Até que ponto os entendia..., mistério! Mas várias vezes repetia com acerto, em circunstâncias oportunas, coisas ditas pelo sacerdote na explicação dos Evangelhos, à missa do domingo, ou do púlpito abaixo, nos sermões de festa.

Até que o Nosso Pai que está nos céus, à força de a ver rolando as lajes das capelas, reparou no desconforto daquela alma. Teve uma lembrança de pai, e, vai de aí...

Sim, então sucedeu a grande aventura da sua vida: Certa manhã, ao abrir o portelo que dava para uns palmos de quintal já desmurado, topou no chão à moda dum embrulho feito de trapos e um velho xaile. Acocorou-se em terra, entreabriu receosa o xaile que parecia resguardar qualquer coisa... E viu mexer-se uma pequenina forma viva, como um animalzinho arroxeadado, que tinha os punhozitos fechados e vagia. A vizinhança foi alarmada pelo espalhafato de Maria do Ahú.

—Ai o meu riquinho que parece mesmo o Menino Jesus!—clamava ela—Ai que me vieram pôr um Menino Jesus à porta! Ai o meu rico anjinho que esta serva de Deus não merecia tal prenda!

E assim por aí fora. Tudo neste teor. Ainda antes de ver se era menino ou menina. Maria do Ahú não estava em si! Pela primeira vez a viam sem o bioco, os bastas cabelos encrespados no ar, babado de riso e ternura, os olhos cheios de relâmpagos. Não havia dúvida: era uma cabeça de louca. Mas a quem poderia fazer mal a loucura de Maria do Ahú? E quem, já, teria alma de lhe arrancar o seu tesoiro,—o tesoiro que a Divina Providência lhe destinara?

O senhor Abade batizou o menino, (pois afinal sempre era menino) dando-lhe o nome de Porfírio por ser o santo do dia. Ele mesmo, senhor Abade, lidou com as autoridades. Ele tratou com a mulher do Bento Fornadas, que ainda estava de cama, pelo menos parte da alimentação do enjeitadinho. E à Maria do Ahú sempre foi entre o criança, visto que à sua porta lho tinham ido pôr,— embora, claro esta, sob certas reservas e a vigilância do mesmo senhor Abade.

—Nem que ponha a cara... —repetia Maria do Ahú—nem que ponha a cara onde aquele santo põe os pés!...

Queria dizer que nem assim lhe pagaria a mercê que lhe ficava devendo. Tinha a pobre por grande mercê deram-lhe aquele encargo —que outra alijara de si.

Quem, mas quem seria essoutra? Perguntavam por mofa: "Quem será a mãe do Menino Jesus?" Nunca veio a saber-se. Debalde se farejou Fulana, Beltrana, Sicraninha... Quem quer que fora, fizera tudo bem resguardado. Quanto ao pai, vendo-se a diligência com que "aquele santo" recorrera às autoridades, contratara a mulher do Bento Fornadas, se prestara a exercer a sua vigilância sobre o tutorado da Maria do Ahú... Cala-te, boca malvada! O melhor é o calado; mormente



depois de uma pessoa já ter mostrado que não é parvo que deixe fazerem-lhe ninho atrás da orelha. E tudo ficou por ali.

Correram anos calmos, iguais, felizes. Se fora instinto de mãe desventurada, mas não descarável, o que guiara a verdadeira mãe de Porfírio ao portelo de Maria, esse instinto a iluminara providencialmente: Uma admirável maternidade se revelava, enfim, com toda a força e toda a delicadeza, na pobre tonta. O que ela andava, desandava, pedinchava, se chispava, para trazer o seu Menino Jesus bem comidinho e bem cobertinho! Mas trazia-o. E nem por isso Maria do Ahú descurava as suas obrigações para com o resto do mundo. Pelo contrário! Pois não estava ela agradecida a toda a gente, e a este mundo e ao outro, por aquela graça que lhe fora concedida? Todos os filhos das outras, os próprios pais, os animais sem dono, os pobres de pedir como ela,—tinham sempre em Maria do Ahú a mesma boa amiga e serva. A sua diligência dava para todos. E certo, certo, nunca ninguém soube até que ponto, na ideia de Maria do Ahú, era realmente o Menino Jesus (ou uma espécie de sua representação, sua figuração) aquele menino que uma vez se lhe deparara, num primeiro raio de sol, ao descerrar a porta para o quintal. Nunca ninguém soube em que medida se julgava ela obrigada, tendo merecido tal milagre, a seguir e progredir na via da perfeição. Vão lá saber que jogos de luzes e sombras, confusão e verdade, se podem alternar num cérebro assim!

A triste realidade, porém, é que o Menino Jesus do Porfírio crescia molengão e vadio, pouco simpático. Só o senhor Abade conseguiu ensinar-lhe as primeiras letras, a conta de somar e uns rudimentos da Doutrina. Não que fosse inteiramente estúpido! não era. Só não queria aprender; não queria fazer nada; e tinha más indicações: Aos doze anos, por dá cá aquela palha, ameaçava os companheiros de canivete; e os companheiros temiam-no—até os mais velhos—porque lhe sentiam instintos de realizar a ameaça. Isto, nunca Maria do Ahú o pôde crer. E certo caso que se passou com o senhor abade, nunca chegou a sabê-lo.

Foi pouco, mas elucidativo: Uma vez, desesperado com o moço pela sua relutância a fixar uma coisa tão simples como eram as pessoas da Santíssima Trindade (bastava fixar as três pessoas já se não exigia mais) o senhor Abade dera-lhe um safanão... E ficou estupefocado com a reação do garoto! No seu olhar havia o ódio fito, selvagem, e a tenebrosa inconsciência do olhar das feras. Ao mesmo tempo, a sua mão fechara-se, convulso, chegando a esboçar o gesto involuntário de se erguer contra o mestre. O mestre fingiu nem ver; mas ficou impressionado.

Ora, ainda vigoroso, o senhor Abade baqueou com umas febres intestinais. Veio um abadezinho novo, bonito; peralta. Era todo perliquitete de maneiras, perfumava-se, tinha mui honrosas relações na Vila, na Póvoa, no Porto, só pensava em erguer mais altos voos—e queria lá bem saber de águas passadas de enfeitados e velhas mendigas tontas! E à Maria do Ahú pouco se lhe deu, porque tinha mais seu o seu menino.

Simplesmente, o seu menino era agora o Porfírio Moinante: um matulão que se dava à madracice, à vadiagem, à mendicidade, à pilhagem, ao jogo na taberna, ao vinho. Uma virtude tinha o traste, Deus louvado! Respeitava, e até certo ponto estimava, a pobre velha que se desunhava para o sustentar. Assim, não havia para Maria do Ahú apêlo de perfeições como o seu mancebo. Revia-se nele, que de pequenino, que era, se fizera um mocetão; e criadinho ali com ela, aquele cravo! E ninguém lhe fosse dizer palavra a deslustrar em tal joia. Também, por caridade, já ninguém lhe dizia. Mas há que fiar no vinho dum homem de maus instintos? Uma noite, chegando ébrio e topando a velha a pé, Porfírio enraiveceu-se e faltou-lhe ao respeito: empurrou-a; mais: bateu-lhe; sim, bateu-lhe!

De princípio, Maria do Ahú não entendeu: Bater-lhe..., o seu menino?! o seu Menino Jesus? a sua flor, o seu filhinho? Não podia ser! Não seria a brincar? não seria para a experimentar? Calou-se muito calada, não tugi nem mugiu, não tocou no assunto a ninguém. Ao outro dia, Porfírio andava como envergonhado. Falava-lhe de cabeça baixa, ou com o rosto de lado, com um modo como repeso, e, ao mesmo tempo, ofendido. "Que lhe terei eu feito?" cismava Maria do Ahú "Valha-me Deus! terei eu feito alguma coisa?"

Mas Porfírio tornou a bater-lhe, outras noites. Com o vinho. Metera-se-lhe em cabeça que ela tinha dinheiro escondido, exigia-o ali, ali já!, barafustava de modo que os vizinhos perceberam o que lá se passava e andavam indignados. Era isto o que mais custava a Maria do Ahú. Porque bater-lhe, no fim de contas, sua mãe e seu pai, que Deus lá tinha, também lhe não batiam? e os irmãos também não, quando se travam? Ora sua mãe, seu pai, seus irmãos, eram seus amigos, não eram? O pior era Porfírio não proceder assim de seu livre alvedrio. Pois no dia seguinte não andava sempre acabrunhado? Como é que ninguém percebia que o Mafarrico se metera no corpo do Porfírio? Não dissera o senhor Abade, do púlpito abaixo, que os demónios entram no corpo da gente? O próprio Nosso Senhor Jesus Cristo não fora tentado por Satanás? Quem lhe batia era o Porco Sujo, abrenúncio!, não o seu cravo, que esse lhe queria como nunca ninguém lhe quisera...

E, posto exacerbasse os furores do bêbedo, defumava-o com alecrim, salpicava-o com água benta que trazia da Igreja, em frasquinhos, salmeava-lhe esconjuros que, por caridade, lhe ensinara a Amélia Bruxa. Passava muito tempo de rastos nas pedras da Igreja, orando. E, no meio de tudo isto, não vão pensar que Maria do Ahú fosse excessivamente infeliz! Não, porque tinha fé. Sabia que tudo havia de passar, e o seu Porfírio ficar são. Sofreria com paciência para o merecer. Muito sofrera Nosso Senhor Jesus Cristo por nós todos, por ela própria, e quem era ela senão uma grande pecadora digna de todas as provações?

A verdade é que, nesses dizeres que assombravam toda a gente, Maria do Ahú mostrava uns discernimentos que nunca, antes, revelara.

Até que um dia, o diabo que atuava no corpo do Porfírio o arrastou a coisa ainda mais grave; (ainda mais grave... pelo menos aos olhos da justiça humana): Foi na venda do Zé Manco, mai-lo Sebastião Bouças, a bem dizer por uma brincadeira; mas tinham chegado a termos de se atirarem à cara o pior de cada um. O Sebastião disse: "Olha tu, que até espancas a velha!" E vai o Porfírio, (maldito costume da navalha à unha!) caiu sobre ele com um movimento rápido, intenso, que o apanhava do baixo ventre ao estômago. Sebastião oscilou, arregalando uns olhos espantados e agónicos. Levava as mãos abaixo, como para ainda apanhar nelas os intestinos... Dobrou sobre os joelhos aos pés do agressor, com um gemido rouco: "Mataste-me, malandro!" Efetivamente, de aí a nada, estava morto.

Foi uma sublevação no sitio. Ainda maltrataram o Porfírio; e também ali teria ficado, se não fossem as autoridades. Levaram-no para a cadeia de Vila do Conde. De Vila do Conde, para o Porto. Do Porto, sabe-se lá!, para Lisboa ou pela barra fora. Houvera julgamentos, fora gente ser testemunha, viera à baila o bater ele na velha...

Tudo isso levou tempo. "Tinha de acabar assim!" foi o que toda a gente disse do Porfírio. A falar a verdade, Retorta sentiu um alívio com o seu desaparecimento.

E, entretanto, Maria do Ahú? Também Maria do Ahú tinha sido chamada. . . e logo posta de parte. O que mais lhe custara fora aleiloar-se diante de todo o mundo que o seu Porfírio lhe batia: Aquela gente parecia não compreender que, próprio próprio, não era ele, o seu Porfírio, que fazia aquilo. Não obstante, nunca Maria do Ahú acreditara na condenação. E de começo, quando ela veio, Maria do Ahú andara por'i aos gritos, os braços no ar como a Senhora da Assunção da Póvoa! Já se nem penteado nem embuçava. Os seus cabelos brancos riçados caíam-lhe nos ombros e açoitavam o ar. De noite, ouviam-na gemer pelas ruas e implicar com as árvores ou os muros. E ora salmeava o Bendito, numa toada lúgubre que ia estarrecer as pessoas nas suas camas, ora rompia em vocativos, imprecções imitantes às dos padres no púlpito: "Ai mundo, mundo!, que te deixas afundar por tapares os -ouvidos à palavra de Deus! O céu vai tomar a vomitar fogo, um novo dilúvio vai cobrir a terra...", etc. Assim por diante. Sem dúvida eram coisas que ouvira aos padres do púlpito abaixo: porque, não para tudo mas em certas matérias, tinha Maria do Ahú memória até superior à do comum da gente. Mas declamadas por ela, e naquele passo, a meio das noites escuras, faziam arrepiar.

De dia, agarrava-se a quem passava, contava e tornava a contar a sua desgraça e a história do seu Menino Jesus achado uma vez de manhãzinha, à porta do quintalejo... E ao mesmo tempo ria e chorava, fazendo momices que também eram grotescas e tristes. O que não podia entender é que ninguém visse (nem os doutores, os senhores que tinham estudos!) que o seu Porfírio não era culpado de nada. Mas para que serviam os estudos a essa gente? Matar, o seu Porfírio?! matar?! Os demónios é que tinham matado por de, por não haverem achado outra maneira de o perder. Não!,— matar, só Deus, que nos criou.

Fora ver o Porfírio à cadeia, quando Porfírio lá estava, e ele abraçara-se nela chorando. Há muito que o seu Porfírio a não abraçava. Atirou-se-lhe aos joelhos com expansivas demonstrações de alegria! Aquilo era prova de que Deus a ouvira, e o seu Porfírio estava limpinho. salvo, livre dos espíritos malignos que o tinham perto do-poderoso, ele voltava a querer-lhe como Mas nem assim?! nem assim essa gente se ele ficava são é que o queriam levar?! agora que estava puro?! Então ninguém via nada do que estava ali à vista? ninguém ouvia o padre do púlpito? ninguém sabia que Satanás viera experimentar o próprio Jesus Cristo Senhor Nosso? E Deus?, mas Deus não iluminava essa gente? Deus fizera tão grande milagre, libertara o seu Porfírio dos demónios, e não mostrava agora a sua inocência aos olhos do mundo? não confundia os hereges e os incréus? mas quem era ela, a mais baixa das servas de Deus, a mais indigna das pecadoras, para ver o que ninguém via, perceber o que ninguém parecia perceber?

Todas as suas ideias giravam nesta órbita; os seus dizeres também; e ninguém a julgara tão eloquente! Sim, via-se que aprendera muitas palavras e comparações nas práticas dos domingos, ou sermões das festividades. "Coitada!" diziam, apesar dessa eloquência "agora é que fica doidinha de todo!" Não obstante, sentiam que nunca ela dissera coisas tão acertadas, de mistura com os seus desvaios.

Porém depois, foi serenando. Quando, pela última vez, se despediu do Porfírio, disse-lhe assim:—"Tem paciência, meu filhinho. Não te desesperes, que isso é o que o demônio quer! Tudo se há de ver claro; e tu hás de tornar! Lembra-te que Nosso Senhor Jesus Cristo ainda sofreu mais... e perdoou aos seus algozes! perdoou, perdoou aos seus algozes!" —repetia, circunvagando olhares angustiados pelos presentes. "Perdoe-me Vossemecê..." gaguejou o Porfírio. Ela agarrou-se avidamente a ele, molhando-lhe a cara de beijos e lágrimas.

Voltou para o seu cacifo, onde esteve encerrada uns dias. Só recebia ao postigo a malga de caldo que, por caridade, lhe levavam. Depois surgiu outra vez. Mostrava-se humilhada e pesarosa das cenas que fizera, vagueando e clamando de noite, por congostas, como uma doida. Manifestou vontade de pedir perdão, em público, do escândalo que a toda a gente dera com a sua falta de conformação. Foi preciso o seu confessor dissuadi-la. Como estava muito esvaída de forças, bem lhe pesava, mas já não podia fazer recados. Nem sequer podia ir pedir. Ainda bem que sempre havia umas almas caridosas para lhe chegarem qualquer tigela de caldo, um naco de presigo numa côdea de pão de milho. Dessas esmolas repartia ainda com os outros pobres; e sempre, está-se a ver, com os gatos e cães sem dono que lhe continuavam de volta das saias. Forçada a limitar muito a sua atividade, cultivava cravos, manjericos e sardinheiras em velhos potes ao longo do muro. E o resto das horas estava sentada na pedra gasta da soleira, muito encolhida no seu bioco e nas velhas roupas escuras e surradas. Quase só se lhe via o nariz, e os ossos dos dedos passando infatigavelmente as camandulas do rosário.

—Como vai isso, ti' Maria do Ahú?

—Como Deus Nosso Senhor é servido.

—Pois olhe que tem aí um belo jardim, ti' Maria do Ahú!

— Deus Nosso Senhor seja louvado! Corta um cravinho, se quiseres . . .

E mais uma vez, bem se enganara quem julgara Maria do Ahú desgraçada. "Desgraçado é o demônio!" dizia Maria do Ahú. Ela ia sofrendo, rezando, esperando... E tão conformada, que se julgou ir perdendo a memória, ela que a tinha excelente, e quase haver esquecido a tragédia que lhe atravessara a vida. Há uns tempos, já, que não voltava ao assunto.

Mas um dia, Maria do Ahú amanheceu quase risonha. Aliviara, até, o bioco. Via-se-lhe grande parte da cara aberta numa expressão mui aprazível. É espantoso, não é?: mas a pura verdade é que os anos e a desgraça a tinham tornado mais bonita; ou, aqui para nós, menos feia.

Então, à vizinha que lhe levava a malga do caldo, contou que um Anjo do Senhor lhe aparecera essa noite, fazendo tal clarão em todo o casebre que parecia haver a lua cheia entrado pelas telhas. Era de admirar que ninguém tivesse dado tento dessa luzerna! Ela ainda a tinha nos olhos, que até parecia que não podia ver nada distinto. Horas e horas o Anjo do Senhor conversara com aquela serva de Deus, tu cá tu lá, (a bem-dizer, toda a noite) confiando-lhe como tudo ia acontecer. Porque todo ia acontecer sem mais delongas, agora era certo! Ela é que não podia dizer mais nada. Pois do mais o Anjo do Senhor lhe recomendara segredo, pondo o dedo nos lábios, assim... E Maria do Ahú chegava a imitar o Anjo.

—Mas tudo quê, ti' Maria do Ahú?—perguntou a vizinha, incrédula—O que é que vai acontecer?

Maria do Ahú, largando o bioco, olhou nela quase indignada:

—O que é que há de ser?! Então de que falo eu? Tudo foi esclarecido! Vou ter outra vez o meu Porfírio, entende Vossemecê?

—Ah, sim?! Ora ainda bem!—disse a vizinha, consternada, e com um esforço para mostrar satisfação à altura das circunstâncias — Nem sabe quanto estimo, ti' Maria do Ahú!

—Sei, sei. Vossemecê tem mostrado muita caridade comigo. Mas deixe que o meu Porfírio ainda lhe há de pagar tudo.

"Se eu não vir outro pago..." pensou a vizinha lá consigo. E foi andando.

Na manhã seguinte, era sol nado e criado e ela sem aparecer. Como ia isso contra o costume, a vizinha chamou ao postigo:

—Ti' Maria do Ahú...

Ninguém lhe respondeu. Então, empurrou a porta, que só ficara encostada. Maria do Ahú estava amochadinha no chão, contra a parede, a cabeça dobrada ao peito e o rosário caído ao lado.

—Ti' Maria do Ahú!...

Ela não disse nada, porque estava morta. Mas, quando lhe descobriram a cara, acharam-lhe um ar de grande serenidade e satisfação. Decerto o Anjo do Senhor voltara essa noite (embora outra vez ninguém tivesse dado tento da luzerna) e lhe levava a alma enquanto praticavam tu cá tu lá.

Por esse tempo, quem sabe se Porfírio era vivo ou morto? Talvez ela tivesse tido muita razão dizendo ir ver o seu Porfírio. E, a ser assim, Lá onde se encontraram, por certo já o seu Porfírio não rapava da navalha, nem erguia a mão contra a sua santa mãe adotiva.

RÉGIO, José. *História de mulheres*. Lisboa: Portugalia, 1968.

## LÚCIFER

Torcendo as mãos, pensei: «Que esses amigos  
«A quem o ritmo que lhes canto apraz  
«Não sonhem nunca as podridões e os perigos  
«Que a melodia vã tem por detrás...

«Herdei de avós leprosos e mendigos  
«Uma chaga incurável e minaz.  
«Versos que eu faça..., é ela quem nos faz!  
«Meus versos são venenos e castigos.

«Mas, para que ninguém saiba o que sei,  
«Mentirei!, fingirei!, renunciarei!,  
«Serei sozinho entre os meus quatro muros.»

Nisto..., a parede abriu-se e o Anjo entrava.  
E à monstruosa chaga que purgava  
Se vieram colar seus lábios puros!

## LIBELO

Por caminhos só rectos, não sei ir.  
Nos ínvios por que vou, não sei ficar.  
Suspenso do passado e do porvir,  
Venho e vou!, venho e vou!, não sei parar.

Abri asas nas mãos para fugir,  
E raízes nos pés para amarrar.  
(Levava chão nos pés indo a subir,  
Trazia céu mas mãos vindo a baixar.

Eis, porém, que estes dons ultra-humanizam,  
E os homens, meus irmãos, se escandalizam  
E me espontam as asas e as raízes.

Assim se castram eles próprios, pobres!,  
E tendo-se, mais vis, por mais felizes,  
Se satisfazem com seus magros cobres...

## A UM JOVEM POETA

Não me peças prefácios, nem juízos, nem conselhos,  
Que me sinto empurrado  
Para o trono dos velhos,  
E coroadado embalsamado!

Que pode, a ti, servir-te o que aprendi por mim?

Que darei eu do que ninguém me deu?  
Chegar, nunca se chega! Mas, se há fim,  
Cada qual ganhe belo o seu.

Chegar, nunca se chega ao píncaro sonhado!  
Mas, se mais ampla já se nos anima  
A linha do horizonte, - é o ganho dum passado  
Deixado esfarrapado monte acima.

Nenhum caminho tem nenhum que se lhe iguale.  
Meu - foi o meu suor; meus - os meus pés descalços.  
Sofrer - só a quem sofre vale.  
E o mais que se aprendeu são oiros falsos!

Ainda só há sol e azul pelos espaços  
(Até se qualquer sombra lhes embace a quietitude)  
Diante desses passos  
Que pedes que eu te ajude.

Pois vai! pois vai, sozinho, até que o Sol se ponha  
Se entenebreça o azul, as aves emudeçam,  
E tremam as estrelas, na medonha  
Solidão onde, ao fim, desapareçam..

Sob, enquanto as houver, raríssimas estrelas,  
Cava, na solidão, a terra escura,  
E talvez venham a ser belas  
As rosas, sobre a tua sepultura.

O que possas ganhar, tê-lo-ás, assim, ganhado,  
Quando, perdido tudo o que era de perder,  
Tombes, ao fim do descampado,  
Sabendo que ninguém te pode socorrer...

Ninguém! Eu, menos que os demais,  
Eu, que te perco, já, na curva do caminho,  
E só te sei dizer adeuses tais  
Que só te deixem mais sozinho.

Porque tu é que és tudo! a terra a cultivar,  
A mão cultivadora, o arado da cultura,  
O grão a semear,  
O próprio fruto, - grão da mão futura.

Pois lavra-te, és o chão! emprega-te, és o braço!  
Semeia-te, és o grão!  
Floresce, frutifica, extingue-te! e, no espaço,  
Pode, amanhã, nascer mais uma ideal constelação...

Entanto, se algum dia, por acaso,  
Voltando à minha porta, me chamares,  
Talvez, à tarde, ante esse imenso campo raso,  
Possa eu ouvir os teus cantares.

Vendo, então, nos meus olhos, qualquer brilho,

Sentindo, em minha voz, tremer um alvoroço,  
Vai-te embora feliz, meu irmão e meu filho!  
Já te dei tudo quanto posso.

## MENINA OLÍMPIA E A SUA CRIADA BELARMINA

### I

Passeia, às vezes, pelas ruas centrais do Porto, ao cair da tarde, uma estranha figura. A bem dizer, duas estranhas figuras. Porque menina Olímpia nunca deixou de ter criada (aliás sempre a mesma) e a sua criada a acompanha nessas lentas digressões. Lentas? Não só lentas: lentas e solenes, majestosas, sistematizadas, rituais, - quer pelo ar de menina Olímpia quando passeia, quer pela ordem a que submete esses passeios.

Na verdade, menina Olímpia nem passeia: passeia-se. Desce a Rua dos Clérigos, depois duns premeditados vagares pela Praça Carlos Alberto, pelos Carmelitas. Ao fundo da Rua dos Clérigos, pára. Olha em redor, quase grave, distante. Passa um ou outro dos seus velhos ou mais recentes admiradores. Menina Olímpia tem admiradores de todas as idades, e em quantidade mais que suficiente. Ergue largamente o seu chapéu, (sobretudo se está bem disposto) saúda-a com uma familiaridade que não exclui o respeito: - «Boa tarde, menina Olímpia!» Ela baixa quase nada a cabeça, com um doairo de rainha embalsamada. Para os preferidos, abre os longes dum sorriso; mas sem descerrar os lábios, porque (nem ela sabe explicar tal contratempo) lhe caíram já alguns dentes mesmo na frente: - o que ela acha inútil dar a conhecer. Os tempos hão-de melhorar, e terá então de pôr uma dentadura.

Cumprida a sua paragem ao fundo da Rua dos Clérigos, menina Olímpia atravessa a Praça. Adianta-se devagar, como num andor invisível avançando ao rés-do-chão. E os seus admiradores voltam a cara, a rir de lado, com olhares de cumplicidade entre si. Várias vezes, a tal hora, se aglomera ou atropela muita gente por tais paragens. É a hora de maior movimento da cidade. Uns regressam a casa, outros andam agora divagando, outros esperam os eléctricos ou precipitam-se sobre eles, outros saem de pastelarias e casas de espetáculo, outros aproveitam ainda uma hora das lojas abertas, para as suas compras... E este redemoinho vivo não respeita a serenidade de menina Olímpia, (há brutais que chegam a dar-lhe encontrões, a pisá-la, a desviá-la da passagem com ditos grosseiros) e menina Olímpia sente-se mal. É, então, obrigada a afastar-se para o lado, a arrumar-se contra as paredes, e deixar passar a onda.

Subir por um passeio da rua de santo António, descer pelo outro e meter para a Rua Sá da Bandeira, - às vezes voltar a subir pelo primeiro passeio e *fazer* o princípio da Rua de Santa Catarina - eis partes mais ou menos obrigatórias da divagação de menina Olímpia. As mesmas pausas no extremo dos passeios, as demoras diante das montras, as grandes paragens de efeito, os meios sorrisos e meias vénias, tornam essa divagação uma espécie de exibição teatral. E, por certo, menina Olímpia é muito digna de se exhibir. Quem já conhece o capricho do seu gosto e o imprevisto ou arrojo das suas toilettes, pode não fazer grande reparo. Mas o provinciano que vem à cidade; o rústico ignorante dos requintes e esquisitices dos grandes centros; o bom burguês que pela primeira vez depara com menina Olímpia, e cujo espírito é desafecto a qualquer forma de singularidade, - chegam a parar no meio da rua, a embasbacar.

- «O diacho da mulher parece um Entrudo!»

E quem vai passando e conhece menina Olímpia, sorri; sorri, sem mais explicações.

### II

Nada mais grato a menina Olímpia do que essa admiração que a segue no seu deambular. A sua criada, nem tanto. Como vai um pouco atrás, a uns protocolares passos de distância, Belarmina (tal é a graça da criada de menina Olímpia) surpreende certos risos

boçais, certas expressões de pasmo, troça, ou entendimento, e até, por vezes, as exclamações dos labregos:

-«Ora o raio do fantoche!»

-«Já viram o espantalho?»

-«O diacho da mulher parece um Entrudo!»

Então, -o que torna toda a cena ainda mais picante - Belarmina, furiosa, chega a ameaçá-los com o punho fechado. Os risos alvares redobram. Belarmina não é nenhuma parva: Bem compreende que a sua intervenção só consegue acirrar o escárnio. Mas então?! às vezes, não pode ter mão em si!

De outras ocasiões, é um garoto que berra:

-«Ó estafermo!»

- «Ó camafeu!»

Ou, então, com a mais desaforada e descabida sem-cerimônia:

- «Passaste bem, menina Olímpia?"

«Vais uma pêssega, menina Olímpia!»

Tais grossarias, que algumas vezes não pode deixar de ouvir, recebe-as menina Olímpia com o sereníssimo desdém das rainhas ultrajadas, dos génios incompreendidos, da superioridade ofendida. Bem sabe, (daquele saber que está no fundo das pessoas, embora possa nem chegar ao seu claro entendimento) muito bem sabe menina Olímpia que toda a grandeza provoca as vaias dos inferiores; ou desafia o pasmo, a irritação, a inveja, o ressentimento dos medíocres. Se acaso Belarmina esboça a intenção de correr sobre o rapazio, -ela que bem lhe custa, pobre velha reumática, seguir a ama nas suas digressões! menina Olímpia volta-se de lado, rígida, com soberbo porte, e relanceia um olhar de cima que recomenda dignidade à aia. É fora de dúvida que, no conceito de menina Olímpia, o entendimento e até a educação da sua criada Belarmina são bastante reduzidos. Estima-a, porém, porque sabe que lhe é extremamente dedicada.

Encolhida no seu casaquito preto já verde, lustroso como um pano de graxa, a repreendida e repesa Belarmina puxa mais para diante a sevilhana esburacada. Porque Belarmina veste decentemente, - afora os sapatos de homem, que arrastam como chine-los. Sua ama, que a tem por amiga, não quer que ela vista como criada.

### III

Claro que a *toilette* de menina Olímpia vinca não só a diferença de categoria, como a dos anos. Se Belarmina deve andar pelos setenta, a casa dos sessenta ainda não foi atingida por menina Olímpia. Eis a realidade objectiva. Mas é evidente nunca mais terem passado os anos, para menina Olímpia, depois dos seus vinte e cinco. Por certo ficaram suspensos a namorá-la. De facto era linda, por altura dos seus vinte e cinco! Era-o, com as faces ardentes sem ser deste vermelhão teatral que põe agora, os cabelos negros mas não do actual negro excessivo, e formas redondas, poderosas, juvenis, que nada pode, ao presente, evocar. Ao presente, menina Olímpia é duma aristocrática magreza.

- «Olha a múmia!» - gritam os que nada percebem destas coisas. Nem por isso menina Olímpia está descontente com a sua magreza. Não é moda, não é, ser-se magra? e não é sinal de distinção? A sua beleza acompanhou a moda. Eis o que não entendem os estúpidos sem sombra de gosto.

- «Pràs pinturas tem ela dinheiro!» - comentam as vizinhas da *ilha* onde mora. São pobres criaturas que a miséria faz sarcásticas, más, (a miséria mais ou menos disfarçada) e a falta de educação não deixa ter a mínima noção das conveniências. Dizem tudo o que pensam, e até que não pensam: tudo que lhes vem à boca. E a Rita do Coxo, talvez a mais destravada língua da *ilha*; é a Ana Melgueira, mulher do sapateiro; é o Jacintinho Sacristão, que vive só, mereceu tal sobrenome por ser muito dos padres, e deve ter dinheiro junto, esse, mas enterrado: pois passa desconsolos de cão; é a própria senhora Mariquinhas Laureana, respeitada como viúva, que se preza, dum polícia; é a Beatriz Malandra, que tem filhos de vários pais: inclusive do marido; ainda outras criaturas assim - que supérfluo se cornará nomear.

Que esperar de tal gente? Quando menina Olímpia, que muito gosta de se mostrar magnânima, lhes não pode comprar rebuçados, os filhos de tal gatinha não se absterem de apupá-la:

-«Ó estafermo!»

-«Ó camafeu!»

-«Ó múmia!»

São expressões que nem conheceriam, se as não tivessem ouvido a garototes de mais idade.

- «Pras pinturas tem ela dinheiro!» - continua a impiedosa língua da vizinhança - «pràs pinturas e prò fino.»

E é verdade: Menina Olímpia, que foi educada como quem era, - filha dum juiz - continua a gostar do que é bom. As vezes, pela boca da noite, Belarmina sai cosida às paredes, com um frasco sob a capa que lhe emprestou a ama. O Zé Paulo, de «A Popular», tem sempre uma garrafa aberta, do fino, que vai vendendo a retalho à menina Olímpia. Nessas noites, vinho fino e passas, ou nozes e figos, ou bolachas e queijo, fazem o jantar de menina Olímpia e sua criada Belarmina. Tasquinham e regalam-se as duas.

«Grandes bêbedas!» clama, indignada, a Rita do Coxo, que não pode suportar a ideia de tais regabofes. Em vão Belarmina, ao passar-lhe à porta, se cose à parede, metendo-se na sombra: Nada escapa à Rita do Coxo, sempre de atalaia. E então maroteiras, poucas-vergonhas, fraquezas de cada um, misérias humanas, - não! não as perdoa!, desde que lhe sobreveio aquela desgraça de o marido ficar coxo; a bem dizer, só com o coto da perna. Pois era um rapazão!, que ela até tinha gosto nele: e trabalhador, amigo da sua mulher, (que a Rita também não era nenhuma peste). Depois é que se tornou aquele ralaço. Parece que perdeu o gosto de tudo, menos do banco na taberna. E ela é que o tem de sustentar, mailos três filhos que lhe ele fez. Por isso anda sempre naquele redemoinho, de casa de Anás pra casa de Caiás: ela a esfregar soalhos, ela a polir metais, ela a passar cestos de roupa, do a arrumar sótãos, ela a ser escrava de toda a gente! E ainda (es de cuidar do seu buraco, e do seu marido, e dos seus filhos, que de si já se nem importa. Mas também, quando está na toca, - está de atalaia: Não lhe escapam as poucas-vergonhas e misérias alheias!

- «Grandes bêbedas! lá prò fino arranjam elas *massa*. Prò fino e pràs lambarices. E tão boa é uma como outra, juntou-se lé com cré...»

A senhora Mariquinhas Laureana, que se põe um bocadinho à janela, secunda-a com a sua autoridade:

- «Não que é assim mesmo, a senhora Rita diz bem: tanto regula a cabeça duma como a doutra. Senhor nos dê juizinho até à hora da morte, que a gente nem sabe o que tem a agradecer a Deus!»

Como quer viver em paz, e teme a língua danada da Rita, diz quase sempre com ela. Às vezes, também a Ana Melgueira ou até a Beatriz Malandra se reúnem ao falatório. E, se calha de vir chegando o Jacintinho Sacristão, que é muito de mexe ricos, não deixa de também largar o seu comentário na sua voz de cana rachada. Como aborrece mulheres, vai todavia dizendo consigo, ao entrar em casa: - «Melhor tratásseis da vossa vida, porcas!» Bem ele sabe como elas lhe cortam na casaca. E a se hora Mariquinhas Laureana, que tem ouvido muita bebedeira do Coxo:

-«Olhe, senhora Rita: O vício do vinho, num homem, é feio. Mas enfim, são homens! e quando têm o seu desgosto... Agora numa mulher, é mais que feio! é indesculpável.»

A senhora Mariquinhas Laureana tem um vocabulário selete. Seria, porém, incapaz de se dar ao mais pequenino incómodo em benefício dessas vizinhas que realmente despreza. Quanto à Rita, com a sua língua de víbora, é que já tem sido serviçal para menina Olímpia. Então não tem ido já dar-lhe uma ajuda, quando a outra velha está com o reumatismo? e não tem já valido a ambas, quando a menina Olímpia lhe dá o flato, ou o quer que é do coração?

Menina Olímpia, que gosta de reconhecer os favores, até, duma vez, lhe quis meter na mão uma pequena moeda. A Rita do Coxo disparatou:



-«Ora tenha tento na bola, que é o que lhe faz falta! Obrigada, mas cá vou ganhando a minha vida. Poupe-o a senhora! poupe-o!, que não pode ganhá-lo! e deixe-se lá dos copinhos do fino.

Eu não aceito esmolas de quem ainda precisa mais do que eu...»

Menina Olímpia ouviu-a com o rosto como empedernido num ar de superioridade ofendida. E retrucou simplesmente:

- «Vossemecê não entende. Não era uma esmola.»

#### IV

Embora sendo ela mesma, claro está, quem procede às suas pinturas, menina Olímpia é quem melhor se deixa iludir. De aí, talvez, a sua preferência pelos vestidos primaveris: Pois não vão bem às suas faces róseas, aos seus cabelos negros? Assim, de há muitos anos os veste menina Olímpia os mesmos vestidos rosa-chá, azul-celeste, verde-mar, só um pouco desbotados, hoje: sim, um pouco desbocados! só com as rendas e guarnições um pouco amarrotadas; talvez quase rotas aqui e além...

-«Onde irá ela buscar aquela trapagem» - diz a Rita - «é que eu pasmo!»

E os labregos, estacando na rua:

«Ora o raio do fantoche!... »

- «O diacho da mulher parece um Entrudo!» »

Coisas de gente ignorante. Menina Olímpia desculpa-as, por de quem vêm. *Aquela trapagem* foi de ela própria, foi de sua mãe, foi de sua tia. Para menina Olímpia, há muito não corre o tempo; e em várias outras coisas se manifesta a sua felicíssima capacidade de ilusão. De modo que, para menina Olímpia, esses gastos ouropéis continuam na moda, frescos e galantes como há trinta, há sessenta anos. Ainda bem! ainda bem que, depois da morte do pai, depois daquele primeiro mau passo da mãe, na derrocada que sobreveio, quando todo o belo recheio da casa foi roubado, empenhado, vendido ao desbarato, perdido, - ficaram uns baús cerrados com esses restos do antigo esplendor. Talvez providência de Belarmina, velha criada na casa. Depois, os próprios baús foram vendidos. Mas, ainda bem! salvaram-se os vestidos, os sapatos, os chapéus, até leques e luvas, até capinhas, bichos para o pescoço, - e o lindo livro de missa que menina Olímpia ainda hoje leva ao Carmo... Que, sem isso, como pudera continuar menina Olímpia a vestir decentemente? Verdade se diga que também dessas coisas foram algumas vendidas, mais tarde, à Beatriz Malandra, que faz negócio de roupas usadas, trastes velhos, objectos em segunda mão. Graças a Deus, ainda tinham ficado roupas e adornos de sobra!

Com as suas poucas luzes, nem sempre Belarmina aplaude as audaciosas *toilettes* da ama: Plumas esgarçadas, com raminhos de flores que mais parecem das coroas dos defuntos, - não fora melhor substituí-los por qualquer mantazinha mesmo cocada, até por um lenço? E aqueles sapatos cambões, de cetim safado; aquelas guarnições já não muito limpas; aqueles vestidos claros usa. dos em qualquer estação; aquelas esburacadas luvas de renda; aqueles bichos e peles sem pêlo; aquelas golas e capinhas doutras modas, - pois não fora melhor vendê-los ao homem dos trapos, (decerto, já nem a Beatriz Malandra os quereria) e, agora que a menina ia tendo mais idade, usar antes uma saia vulgar, um casaquito mesmo em segunda mão, uma coisa de lá para o inverno...?

É o que toda a gente mais ou menos pensa na *ilha*. E, com suas poucas luzes, também Belarmina já vira ou entrevira isto. O caso é que já uma vez ousara tocar no assunto à ama. Ora de princípio, menina Olímpia não compreendera. Custara, até, a compreender depois! Fora preciso Belarmina expressar-se o mais claramente possível... Quando compreendera, menina Olímpia esganiçara umas risadas de escárnio, tivera uns gestos frenéticos, falara - pela primeira vez - na diferença de condição que os separava, nivelara as suas opiniões dela, Belarmina, com as dos garotos da rua e gente de baixa estirpe, sem a mínima educação nem compreensão... Felizmente!, felizmente, ainda havia cavalheiros capazes de entenderem esta coisa simples: que uma menina de boas famílias, criada na melhor sociedade, se não sinta obrigada a apresentar-se miseravelmente pelo facto de a sua família ter sido infeliz, e os amigos da família se terem portado como vilões.

Reparasse ela ao menos, bruta!, (chegara a chamar-lhe bruta!) reparasse ela ao menos, bruta!, como a cumprimentavam respeitosamente os cavalheiros capazes de compreenderem tais casos... Vá que fizessem comentários as tristes criaturas da vizinhança, - gente que nada sabia da sua vida, nem nunca tivera princípios. Agora ela, Belarmina, ela, que servira em casa de seus pais, e sabia como tudo se passara... De ela não esperara tal estupidez, não esperara! E até era arrastada a falar-lhe como nunca julgara ter de lhe falar.

Belarmina ouvira-a passada, - quase convencida. Pela noite, dera o flato a menina Olímpia. Estivera muito agoniada; e ficara extremamente nervosa para muitos dias. Chegara, durante esses dias, a perder o seu ar de grave superioridade, gesticulando pelas ruas e falando alto com os olhos no ar. Isso a tornara objecto de novas implicações dos garotos e papalvos. Pungentemente arrependida, Belarmina temera que ela ficasse variada.

Sem dúvida, fora menina Olímpia magoada num daqueles pontos melindrosos, profundos, complexos, como todos temos, e mais intimamente se relacionam com os nossos sonhos e particularidades.

## V

Ora como, dessa vez, as descompassadas vozes de menina Olímpia tivessem alarmado os vizinhos, a Rita do Coxo, no dia seguinte, dissera a Belarmina:

- Ontem, o fino deu mau resultado: Vossemecês brigaram!

Belarmina, que se assentara um instante na soleira da porta, não respondeu. Baixara a cabeça, com a *sevilhana* puxada para os olhos; e tão pequenina, tão encolhida na sua roupita preta já verde, que parecia uma criança mascarada ou uma trouxita de roupa.

Compreendendo que a pobre velha chorava, a Rita do Coxo sentiu-se amolecida.

- Sabe o que lhe digo? - tornou - Eu, como Vossemecê, e que não estava para andar aí atrás de semelhante espantinho! Era o que me faltava! Se não tem juízo, há hospitais de doidos.

E essa tia, que Vossemecê diz que as ajuda, não podia tratar de a meter em qualquer parte?

- Coitada! - resmoneou Belarmina - tomara essa quem também trate de ela!

- Ah, também?! - fez a Rita do Coxo com ar divertido e sarcástico - Bela família!

- Não é isso - explicou Belarmina, contrariada. - Quero dizer que também está velha, ainda é mais velha do que eu, e que o dinheiro também lhe não sobra...

Olhou para dentro, a ver se a ama a podia ouvir. Em razão da questão da véspera, a ama demitira-a das suas funções de aia. Porque, se menina Olímpia procedia sozinha às suas pinturas, (e, durante tal cerimónia, Belarmina nem sequer era admitida à sua presença) em tudo mais a coadjuvava a sua criada.

Desta vez, porém, menina Olímpia recusara-lhe um auxílio de que, por certo, a julgava indigna: tratava sozinha da sua *toilette*.

Não obstante o flato da noite, daria o seu passeio. E Belarmina tremia que ela houvesse por bem dispensá-la igualmente de a seguir, e se fosse oferecer desacompanhada aos cumprimentos dos *cavalheiros* e ao pasmo dos provincianos. Como achasse que a ama estava entretida, e a não podia ouvir, Belarmina desabafou um pouco:

- Sabe que mais, senhora Rita? Tomara eu que Deus nos levasse a ambas! Era uma grande mercê, pois que andamos nós aqui a fazer? Agora deixar a minha ama, não! Vê-la sozinha aí pelas ruas, com os garotos atrás?! Mesmo, pra onde havia de eu ir? Ela ainda tem forças... eu é que estou um cangalho sem utilidade nenhuma. Só sirvo pra isto, pra fazer de cão... Mas olhe, senhora Rita: Afora essa balda dos vestidos e pinturas, ou dos passeios, ela tem o seu juizinho como qualquer de nós.

Pode crer, fala muito melhor do que Vossemecê ou eu! Gostava que Vossemecê a ouvisse, quando está com a razão as sente...

Não muito lisonjeada, a Rita do Coxo abanou dubitativamente a cabeça. Teve, para si, um sorrisinho especial; o qual significava: «Sim, tu também não és muito certa!» Mas ficou-se. Belarmina prosseguiu:

- É como lhe digo! O ponto é a gente não lhe tocar em certos assuntos. Sabe o que foi aquilo ontem? Foi por eu lhe falar nos vestidos. Bem eu queria que ela andasse mais modesta... a senhora Rita compreende: como qualquer pessoa daquela idade, e que é pobre. Mas não se pode! Não torno a cair noutra. Cá na minha, a menina sempre teve certas baldas... uma inclinação prò estado em que Vossemecê a vê. O que é, é que ninguém dava por isso; e a idade dela era outra! Ali onde a vê, olhe que foi bonita. Pretendentes não lhe faltaram, gostava de se divertir... Trazia uns poucos à corda, como se costuma dizer. Talvez fosse por isso que o senhor Valdemar nunca mais tornou...

- O senhor Valdemar?...

- Sim, era o noivo da menina. E ela gostava de ele; mas não parecia, porque também gostava de brincar. Além de que sempre foi um bocadinho senhora do seu nariz... Por esse tempo, não lhe faltava nada: Ele eram vestidos quantos queria, joias, divertimentos, os namorados de roda de ela, e ela sem lhes dar trela nem de mais nem de menos... Até eu vivia à grande, que mal chegava a fazer trabalho de criada. Era uma casa farta de tudo, os senhores muito liberais. Cá no meu entender, foi isso que perdeu aquela família. O senhor Valdemar era mais pobre, como havia de poder sustentar esse luxo? Embora que de boa família, e bem colocado. Eu andava ao par de aquilo tudo.

- Sim, já percebo: Vossemecê era quem fazia os recadinhos da menina.

-Quando era preciso! Mas, como ia dizendo: Vai, o senhor Valdemar resolveu ir às Áfricas, onde tinha um tio podre de rico, e voltar rico também. A menina continuou a entreter-se com uns e outros, como era seu feitio, enquanto esperava por ele; mas sem mal, acredite. Olhe que fazia aquilo sem maldade, e sempre foi muito séria! Às vezes, não parecia, não, por causa desse fraco de querer ter corte à sua roda. Mas podia pôr as mãos no lume...

- Não ponha – aconselhou Rita com o seu desplante sarcástico.

Belarmina inflamou-se:

- Podia! podia pôr as mãos no lume que ninguém tocou na menina! Ela está 'li como veio ao mundo, limpinha...

Divertida com o rumo da conversa, a Rita do Coxo largou uma risada. Depois limpou os olhos à ponta do avental, correu as costas da mão pela boca, e, ainda com riso, desculpou-se:

- Não faça caso. Vossemecê tem graça.

- A senhora Rita pode rir-se, --observou Belarmina, um pouco formalizada - mas olhe que é verdade pura.

Calou-se um instante, porque vinha passando o mexeriqueiro do Jacintinho Sacristão.

- Boa tarde, flores! - chalaceou ele na sua vozinha de cana rachada.

- Boa tarde, senhor Jacinto.

E a Rita acrescentou:

-O senhor Jacinto é que está sempre um cravo!

- Muito murcho, minha rosa; muito murcho.

E lá foi entrando para a toca.

- la Vossemecê dizendo... - reatou a Rita do Coxo.

- Dizia que é a verdade pura: Ela sempre se guardou para o senhor Valdemar. Pois bem podia ter perdido a cabeça, quando a família deu no que deu, e toda a casa levou outro rumo. Não lhe faltou quem lhe poderia dar boa vida! Até a mim me inquietavam com recados, com promessas... Mas ela sempre esperou pelo senhor Valdemar.

Fez uma breve pausa, e confidenciou:

- Desconfio que ainda o espera.

- Sim, - mofou a Rita, com o seu feitio - talvez seja por isso que se faz tão bonita! Ele, quando tornar, há-de achá-la bem conservada...

Belarmina esteve uns momentos de cabeça baixa, como alheia.

Por fim, repreendeu:

- A senhora Rita faz pouco da desgraça. Pois olhe que cada um tem a sua!

- Se tem!... - fez a Rita do Coxo, pondo-se repentinamente séria. Ficou também calada obra duns segundos, como a ruminar na sua própria vida; e concluiu:

- Desculpe, eu digo estas coisas, mas não faço pouco da desgraça de ninguém. Bem me basta a minha, que é a que toda a gente vê. Mas olhe..., criaturas sem juízo! Senhor nos de juizinho até à hora da morte, como diz a Laureana. Não me contou Vossemecê que a mãe ainda deu cabeçadas depois de velha?...

- Falo nisto pra desabafar. A senhora Rita não repita à vizinhança. São coisas que é escusado saber...

- Esteja descansada. Não há necessidade. O que eu queria dizer é que quando o mal é de raiz... E ela, então, que tem uma bazófia na família, que nem liga cá à gente baixa...

- Está Vossemecê muito enganada! Aquilo são ares que lhe vêm de longe, do tempo em que era tratada como uma princesa... Mas desculpa-as muito, pode ficar ciente.

A Rita abespinhou-se:

- Desculpa?! que tem que desculpar?! Ela, agora, é tanto como nós! Demais a mais, todos somos feitos da mesma maneira. Olhe, eu sou muito pobre. Tenho de sustentar os filhos, mais o emplastro do marido. Mas, se quer que lhe diga, com as minhas fracas forças, nunca cheguei a...

Não acabou a frase, detida pelo pobre rosto amargurado que Belarmina levantava para ela. A verdade é que a Rita do Coxo não era má: O que era, - era infeliz; tanto mais infeliz, quanto estivera à borda duma vida asseada e alegre. Se tivesse acabado a frase, teria dito: «... com as minhas fracas forças, nunca cheguei a pedir esmola pelas ruas».

## VI

Sim, também já isso era sabido na *ilha!* Ao cabo do seu ritual passeio, menina Olímpia sentava-se em qualquer banco de qualquer jardim público: Na Cordoaria, no Jardim de S. Lázaro, na cada por das do hospital de Santo António; e sobretudo noutros mais secretos, mais ignorados, por onde passava menos gente. Ali ficava direita, quase à borda do banco, majestosa e serena como num altar. Por certo, pensava; ou sonhava. Em quê, seria difícil dizer-se. Talvez no passado, talvez num futuro melhor... talvez em nada de imediato e concreto. O pensamento, às vezes, (se é que chega a ser pensamento) não se torna como vaga música, ou fumo ondeante, que nos mergulha nem sabemos em que mundo, nos leva nem sabemos para onde...?

No inverno, os bichos sem pelo e as capinhas curtas de menina Olímpia não conseguiam suprir a insuficiência dos seus vestidos primaveris. Era nisso que Belarmina falara com muito acerto: Qualquer abafo de lá, uma camisola, um xaile mesmo como os da gente pobre, (pois pobres não eram elas?) quaisquer meias de mais agasalho, - não conviriam muito melhor a menina Olímpia, naquelas tardes que tão depressa arrefeciam, até quando havia sol? Mas o acerto de opinião e o senso prático não ofereciam razões de grande monta aos olhos de menina Olímpia. Menina Olímpia tinha razões que o senso comum não conhece. Acabava por bater o dente e ficar toda num tremor, sobretudo quando a humidade subia das pedras e o ar se tornava agreste, cortante do ventozinho gelado ou espesso do nevoeiro. Então, como dispensar, em casa, os golinhos do fino?

Claro que, nos dias de chuva pegada, menina Olímpia fazia o sacrifício de nem sair de casa; embora tivesse umas duas belas sombrinhas, que só era pena funcionarem dificilmente.

De verão é que se tornava agradável. Muito agradável, de verão. A tarde ia morrendo devagar, arrastada, pacificadora, e o sol peneirava a sua poalha de ouro por entre os ramos das árvores, sobre a relva e as flores. Menina Olímpia gostava muito de flores; particularmente das mais raras e belas. Bem pena tinha de não possuir um bocadinho de quintal onde as cultivasse! Limitava-se, pois, o seu jardim doméstico a três vasos de begónias, pelas quais mostrava extremas e delicadíssimas solitudes. Em compensação, as flores dos seus jardins públicos preferidos também eram como de ela. Via-as crescer, desabrochar, brilhar ao sol no esplendor das suas formas tão caprichosas ou harmoniosas,

das suas cores tão finas ou arrojadas, - e depois murchar; ao passo que já outros botões inchavam ao lado, prontos para a mesma vida efêmera e gloriosa. E o perfume que delas subia era como um incenso que menina Olímpia mui naturalmente julgava ser-lhe devido, ou como o ar daqueles ambientes requintados em que, rara e bela flor ela própria, deveria menina Olímpia viver toda a vida. Com efeito muito agradável, de verão! Certos jardins públicos são lugares extremamente simpáticos a essa hora do entardecer, tranquilos e melancolicamente acolhedores. Os pregões e todos os vários ruídos da cidade entrecruzam-se em volta, ou chegam de certa distância. Em qualquer dos casos, é ali uma ilha de isolamento e repouso. O mesmo sol que doura aquela relva, e se vai esquivando, incendeia as janelas das casas, lá longe, ou faz lampear certas vidraças, nos telhados, como chapas de prata polida... E se há umas rápidas aberturas de silêncio, relativo silêncio, na estrepitosa animação da cidade, sentem-se atravessar a limpidez do céu revoadas de chilridos.

Os bancos são então frequentados por velhos sonhadores, doentes ou maníacos; mulherzinhas com ar trilhado e meigo, sofredor; gente desempregada ou contemplativa; um galucho, por vezes, que espera alguém, ou um vadio que dormita; de vez em quando, um par de namorados que se roçam um pelo outro, e cochicham com risinhos sufocados.

Tudo isto menina Olímpia compreende e tolera, quando não está simplesmente alheada no seu devaneio. Menina Olímpia não se sente muito mal entre esses companheiros de acaso. Como todas as naturezas verdadeiramente aristocráticas, compraz-se com os simples que lhe manifestem certa simpatia. Sem deixar de reconhecer a superioridade da sua condição, dela, - algumas vezes conversa com eles, chegando, por delicadeza, a nivelar as suas expressões ou opiniões pelas suas; o que, aliás, lhe é tanto mais fácil e natural, quanto nem dá por isso. Posto cruzando entre si olhares de entendimento ou fugidios sorrisos, quase todos a tratam com sincero respeito - o sincero respeito que muitas vezes acabam por impor as naturezas verdadeiramente aristocráticas - nesses lugares onde já é habitual e conhecida. De habitual e conhecida, menina Olímpia já perdeu todo o imprevisto para tais frequentadores. Digamos que se lhes tornou, quase, pessoa normal.

Entrementes, (e eis o que já era sabido na *ilha*) Belarmina afastava-se um pouco da ama. Procurava as esquinas das ruas circunvizinhas, os recantos, os portais; e, afoitando-se com as sombras que vinham descendo ou as névoas que se erguiam dos lados do rio, lamuriava umas palavras tímidas, embaraçadas, estendendo a mão à caridade pública. O seu casaquito preto já verde, o seu ar humilhado e aflito, a sua visível falta de prática na mendicidade, (pois quem alguma vez diria a Belarmina que teria de descer àquilo?) não deixavam de lhe conquistar a simpatia dos transeuntes. Às vezes, aquilo rendia. Várias dessas noites, menina Olímpia e ela tinham os seus goles de vinho fino, pão e queijo, figos passados, até biscoitos doces. Tasquinavam as duas, felizes, encolhidas no canto menos húmido do cubículo; e menina Olímpia falava, falava... Falava do passado, evocando com a sua criada coisas que nunca mais tornariam a acontecer; ou disreteara sobre um futuro melhor, sonhando coisas que certamente não aconteceriam tão cedo.

## Os três vingadores ou nova história de Roberto do Diabo

I

Era uma noite de inverno, bramiam as ondas em torno do vetusto palácio acastelado nas rochas. Relâmpagos verdes, azuis, amarelos, riscavam em ziguezague os ares tenebrosos, incendiando por momentos, através de janelas e vigias, as desertas salas do palácio. Então se entreviam, para logo reentrarem na escuridão, as ondas rolando como cordilheiras que se animassem; galopando como rebanhos de monstros desgrenhados. Logo explodiam trovões, fazendo súbitos estrondos medonhos, como ecos duma fuzilaria de gigantes. Nos breves intervalos se ouviam os chuveiros embater furiosamente nas vidraças, açoitar a espessura dos muros. E os ventos desencadeados assobiavam nas frinchas, abanavam, a empuxões, os portões chapeados de ferro, gemiam, lúgubres, nos telhados,

redemoinhavam nas esquinas e concavidades, iam morrer muito longe num uivo cavo, cavo...

Foi nessa noite que o velho rei Frederico mandou chamar os seus três filhos: Carlos, o primogénito; Henrique, o do meio; Paulo, o mais novo. Ódio antigo não cansa, - o ódio longamente embalado torna-se engenhoso e prudente. Essa noite de inverno lhe parecera ao velho rei cenário adequado ao que pretendia, que era marcar fundo no espírito dos filhos o que ia dizer-lhes. Na vasta sala-mor os esperou, sentado na sua cadeira de calha doirada, o seu velho manto aos ombros, a sua ridícula coroa de rei de tronado (que mandara fazer de lata, imitada da autêntica) sobre as farripas brancas do cabelo ralo. Parecia não tanto um rei louco, de tragédia, como um grotesco soberano de opereta bula. Ah. ódio antigo não cansa! o ódio longamente embalado faz-se astuto e sábio. Tudo aquilo fora calculado: Aliado à desgraça, a uma certa dignidade interior intacta e à fúria dos elementos, o grotesco torna-se profundamente impressionante.

Nos corredores do palácio ressoaram as passadas dos jovens, e os três filhos do velho rei apareceram à porta da sala. Três belos jovens, cada um a seu modo: Carlos, o primogénito, era robusto e grande, com dedos como garras, olhos dominadores, a boca decidida e cruel. Henrique, o segundo, tinha uma larga testa de intelectual, as feições duma finura quase inquietante, os membros frágeis, compridos, e o sorriso reservado. Quanto a Paulo, o mais novo, parecia ainda uma criança, apesar do perfeito corpo de homem. Os seus olhos límpidos sempre olhavam de frente, e, de abertos e límpidos, quase nada mais permitiam ver da sua gentil pessoa.

- Aproximai-vos – disse-lhes o pai. E entre os dois enormes tocheiros acesos, na sua burlesca indumentária real, assim lhes falou:

- Sabeis a tremenda ingratidão de que fui vítima, escorraçado do trono pelo mais querido dos meus validos! escorraçado, humilhado, exilado para esta ilhota deserta, encarcerado entre estas paredes e rochas, despojado das minhas riquezas, separado dos amigos que foram mortos por me ficarem fiéis, e agora esquecido como se também já eu não existisse! A tais vergonhas, e tal desconforto, não pode resistir vossa mãe, minha santa mulher. Por mim, ainda poderia tentar esquecer; por ela, nunca! E de tudo isto, abusando da confiança que nele punha, foi autor aquele a quem chamava irmão mais novo, quase queria como a um filho, e cumulava de mercês. Esse goza agora tranquilamente os frutos da sua perfídia. Esse empunha agora o meu ceptro, se coroa com a minha coroa, se recosta no meu trono, distribui dignidades e opulências que deveriam vir a ser vossas. De vós!, de vós espero que me vingueis! vos vingueis a vos próprios! Aqui vos criei e eduquei o melhor que pude, entre meia dúzia de leais servidores: os únicos a quem foi consentido acompanhar-me. E sempre, durante estes anos, apertei ao peito um sonho, que me tem dado forças para viver: o de que algum dia seríeis a desforra do vosso pai morto; dos vossos pais mortos! Porque eu vou morrer, não tarda. Que pode a morte assustar-me? Estou exausto. Mas os meus ossos revolver-se-ão na cova, e nem a morte me será descanso, enquanto não principiar a minha vingança! No subterrâneo, que mal conheceis, deste palácio, conservei intacto um fabuloso tesouro. Para o conservar passei quase penúrias, e as impus à minha lastimável corte. Mas para vós, meus filhos, o conservei. Ele vos tornará poderosos! Sempre, no meio das minhas atribulações, me foi grande consolação a ideia de o haver conseguido furtar à cobiça do meu inimigo. De geração em geração, acrescido através dos séculos, tem sido transmitido na Casa Real de pais a filhos, só revelado ao primogénito pelo pai moribundo. Comigo, e convosco, se acabe a tradição! Não tereis muito que o procurar. Em vingar-me o empregareis! em vingardes vossa mãe! em vos vingardes, e reconquistardes a dignidade a que tendes direito. Sei que sois diferentes; mas fortes os três. Cada um consoante o seu génio, consoante as suas forças, tentará desempenhar-se o melhor possível da missão comum. Todos tendes forças que vos mesmos ignorais! A própria ação vo-las fará conhecer.

Ergueu-se; com um piparote, lançou pelos ares a sua ridícula coroa de lata, imitada da verdadeira. Aquilo foi rolar no chão, lá longe, chocalhando um terlim-tim-tim falso nas lajes. Raivosamente sacudiu dos ombros o velho manto de veludo e arminho, outro dos

seus caprichos. E todo a tremer, terrível, empinando-se num esforço para reassumir a sua autêntica dignidade real,

- Jurai! - rouquejou aos três moços estarecidos - jurai por alma de vossa mãe que todos três, cada um pelos seus meios, unidos ou separados, consagrareis a vida à nossa vingança! e nem morrereis, não podereis morrer enquanto não cumprirdes!

Um trovão maior desabou no telhado, fazendo tremer os muros do vetusto palácio acastelado nas rochas. Em todas as frestas, em todas as janelas, se multiplicara o mesmo clarão subitâneo, como cuspidor do inferno. Furiosas cordas de água, sucedendo-se quase sem intervalo, escorriam nas vidraças como um choro a golfadas ininterruptas. E o vento, o energúmeno, sacudia a repelões as velhas portas, esfacelava nos ângulos e esquinas as imensas asas informes, ia expirar lá longe no seu uivo cavo, cavo...

Os três jovens dobraram um joelho em terra. Levantaram a mão direita, e, a uma só voz, passados dum religioso pavor, disseram:

- Juramos, pai!

O velho rei recaiu na sua cadeira rica. Uma lufada mais violenta, soprando do corredor, outra vez fez telintar no lajedo a sua coroa de lata. Alguma vidraça que a ventania arrombara se estilhaçara ao longe. Mas o velho rei ofegava, exausto do esforço que fizera. Demasiado esforço para o seu coração demasiado gasto! Quando os filhos se inclinaram para ele, estava morto. Os seus olhos abertos é que ainda olhavam, desmesurados e vítreos, sem ver. Mas, apesar da contração aflita das feições, uma aura de sorriso astuto lhe pairava nos lábios branco-roxos: Como a insinuar que até aquela morte impressionante fora calculada.

## II

Perto do velho palácio acastelado onde vivera o seu exílio, na rocha mais alta da ilhota deserta, foi escavada a sepultura do rei sem trono. Seus três filhos, com seus cinco ou seis fiéis servidores, organizaram um breve préstito fúnebre, e lhe prestaram as últimas homenagens. As ondas, os ventos, as chuvas, as aves marinhas, embalariam o seu sono eterno. Como era ao fim da tarde, o sol, antes de desaparecer, conseguira rasgar as nuvens, e abrira uns fogachos que depois alastraram pelo céu fora em sumptuosas istrias púrpura. O cenário foi digno do ato.

Depois do que, pela calada da noite, desceram os três jovens ao subterrâneo. Aí descobriram o cofre de ferrarias que guardava o ancestral tesouro. Não lhes foi fácil abri-lo. Era enorme, todo chapeado, e tinha várias fechaduras cujas chaves desconheciam. Mas com habilidade e força, havendo levado consigo ferramentas finas e pesados maços, lá conseguiram pôr a descoberto aquele poço de pedrarias as mais surpreendentes, pérolas de águas inconcebíveis, joias e joias como nunca ninguém sonhara existirem.

Tudo aquilo chispava, à luz ondeante dos archotes, despedindo como fagulhas contra as quais era preciso proteger a vista. Ao mesmo tempo se não podiam arrancar os três jovens a tal fascinação, deslumbrados e quase apavorados... Foi Carlos, o mais velho e mais atrevido, quem primeiro ousou mergulhar as mãos nesse caudal de cintilações. Segundo a tradição, até só a ele, por primogénito, devera ter sido revelado o tesouro.

Pela calada de várias noites - pois nem os fiéis servidores deveriam suspeitar o que se passava - trouxeram eles para seus aposentos essa riqueza. Eram três irmãos muito unidos; posto que muito diferentes. Como bons irmãos repartiram entre si o tesouro, que aliás a nenhum serviria para uso propriamente pessoal. No fim, Henrique disse:

- Vamos viver com o mesmo e único fito; lutar pela mesma causa! Mas acho que nos devemos separar. Somos de feitios diversos, e cada um de nós tem os seus meios. Não poderíamos agir em direta conjugação. Separados, - talvez, até, ignorando-nos enquanto não chegemos à vitória - cada um, combatendo a seu modo, ajudará os outros mesmo sem o saber. Este julgo ter sido o pensamento de nosso pai e senhor, a cuja reabilitação consagraremos todas as nossas energias.

Os irmãos acharam que ele falara com acerto; como quase sempre, pois ambos os dois tinham Henrique pelo mais inteligente e culto. E uma noite sem lua, havendo

comunicado aos seus fiéis servidores que iam fazer uma longa viagem, lá se evadiram com suas preciosas bagagens da ilhota deserta. Na véspera tinham ajoelhado, os três, sobre uma certa sepultura aberta na rocha. Falando para dentro dela, tinham repetido a uma só voz:

- «Juramos, pai!»

Os fiéis servidores os ficariam esperando, de guarda àquela sepultura, pois prometido lhes fora pelos três príncipes que da sua viagem voltariam com o nome real engrandecido. Algum dia viriam todos os Grandes do reino prestar as devidas homenagens ao que nunca deixara de ser seu verdadeiro rei, posto havendo morrido sem trono. Grandiosas pompas mortuárias se desenrolariam na ilhota do exílio. Um monumento condigno seria levantado sobre a rocha sepulcral. E, pelos séculos fora, as ondas, os ventos, as chuvas, as aves marinhas, se concertariam na sua bárbara sinfonia em torno desse monumento funéreo.

### III

Lá bem no fundo, fundo, do coração de Roberto, o usurpador, uma pisadura doía, que ele não queria ver; ou não podia ver claro; ou não sabia que via. Por isso o rei Roberto se aturdiu com orgias, se embriagava com os mais raros álcoois, tinha caprichos monstruosos, já repudiara três esposas, variava continuamente de amantes, cultivava toda a espécie de perversões, e ora se mostra a para com o seu povo duma liberalidade sem medida, ora sobre qualquer dos seus súbditos, incluindo os mais poderosos ou validos, praticava atos de insensatez e crueldade. Mas só por isso? Como já veremos, a verdade é que sinistros instintos minavam Roberto desde nascença; misteriosos, pesados fados o subjugavam.

O povo tem certa inclinação pelos chefes loucos; além de que um obscuro sentido lhe faz adivinhar, sem as poder definir, as tais pisaduras secretas, que provocam a sua simpatia. O povo o ia pois tolerando, compensado, de vez em quando, pelas magníficas festas que lhe ofertava o seu caprichoso senhor, ou as liberalidades com que o seduzia. Um estranho prestígio, um dúbio mas poderoso prestígio, acabara por nimbar aos olhos do seu infeliz povo a figura do rei Roberto.

Assim viera sendo longos anos. Até que, de repente, pequenos focos de rebelião começaram de se manifestar nos mais diversos pontos do país. Nos mais diversos, nos mais afastados. Parecia não merecerem atenção de maior. Ninguém lha deu. Mas, como chamazinhas que ali rebentassem, se multiplicassem além, aqui reaparecessem, e por fim alarmantemente grassassem, tendendo a unificar-se num incêndio devastador, - já aqueles pequenos centros de revoltosos, a princípio tão facilmente domináveis, alastravam e se correspondiam por todo o reino. Em breve todo o reino ameaçava transformar-se numa floresta a arder! Já Roberto não dormia; não sossegava; não compreendia; e sem tréguas tinha de empregar os seus melhores capitães na sufocação de movimentos que, superficialmente vencidos, logo voltavam a explodir, e com redobrada violência. A ira, a impotência, o assombro, estorcegavam o coração do rei Roberto. Sobretudo, o rei Roberto não compreendia. Pela primeira vez se lhe deparavam, ao triunfante usurpador, enigmáticas forças que inexoravelmente o contrariavam. E donde vinha aquilo?! como se dava?! porquê?! Já o rei Roberto desconhecia o seu povo sempre mais ou menos manejável, o seu reino ainda há pouco tão submisso.

Foi então que, sobre este fundo de floresta em chamas, se delineou, para logo avultar, a figura do Cavaleiro da Máscara. Enfim! já era um alívio; uma esperança, - aparecer alguém a quem responsabilizar pelo que sucedia: um ser humano que diretamente se combatesse, ou procurasse captar.

Mas na verdade, um ser humano...? O pior é que, de redor dessa figura, logo a aranha da Lenda principiara de tecer a sua leia. Cavaleiro da Máscara, - seria bem máscara o que ele trazia?! ou rosto seu aquele semblante de bronze, aquela face de pedra implacável como o Destino, que mal pudera entrever quem quer que entrevira o Cavaleiro? Também gigantesco era ele, diziam. Cavalgava um corcel baio cujo ímpeto excedia o do



ciclone. Por vezes o divisavam galopando ao longe, o cavalo baio com seu cavaleiro, e as suas patadas faziam na terra uma série de marteladas surdas, precipitadas, regulares, que chegavam apesar da distância e infundiam pavor. Outras vezes passava muito perto, numa vertigem; e nenhum rumor fazia como se galopasse nas nuvens, ou não passara dum cavalo-fantasma. Quanto à espada do cavaleiro, revolteando no ar, fulminava como o raio. Isto o que diziam. E era de desesperar! porque assim se chocavam com alguém muito superior a um comum ser humano - uma espécie de Espectro, uma espécie de Mito - os que, finalmente, haviam crido poderem lutar com um adversário real e concreto: um chefe palpável da rebelião. Como agarrar um fluido ou uma aragem, capturar um clarão que aparece, desaparece, reaparece...?

Para cúmulo, dispunha aquela Sombra de mui positivos poderes. Senhor, parecia, de inimagináveis riquezas, - aonde não chegasse a espada do Cavaleiro da Máscara chegava o seu oiro: bem raras consciências de homem lhe resistiam. Como por simples jogo, este era quem no reino semeava a cizânia, enchendo de inquietação e pesadelos os curtos sonos do rei Roberto.

#### IV

De tais sonos acordava Roberto ofegante, alagado em suores de agonia, para cada vez mais se entregar a excessos que o denunciavam à borda da loucura. Se desde sempre fora mau, suspeito de crimes nefandos, agora se revelava a plena luz o verdadeiro Roberto do Diabo. E então se recordou e propagou uma lenda que, parece, andava ligada ao seu nascimento: Parece que por longos anos em vão seus pais, gente da corte, haviam desejado um filho. Ora um dia, sua mãe dissera: «*Quem me dera um filho, nem que fosse do Diabo!*» Palavra esta que a pobre mulher não pesara, e só pronunciara no seu desespero. Quem sabe o poder que às vezes têm as palavras? a realidade que assumem? A grave palavra que a pobre mulher tão levemente lançara - reboara pelas cavernas do Inferno. Ao cabo de tantos anos de esterilidade, a nobre dona viu-se grávida. Esquecera o seu dito indigno dela. Grandes manifestações de júbilo precederam e acompanharam o nascimento do menino. Era um menino, que foi batizado com o nome de Roberto. Estranhos horóscopos (se dizia depois) haviam pesado sobre a sua cabecinha infantil. Estranhos: mas sinistros, ou gloriosos? gloriosos, ou sinistros? Ninguém chegara a desvendá-lo.

Crescendo robusto, belo, inteligente, hábil nos jogos físicos e nos mentais, possesso duma vitalidade quase assustadora, logo mal saído da infância fora Roberto suspeito dum horrível crime: ter envenenado o preceptor que tanto se lhe dedicara. Era um homem de carácter, cuja moralidade incomodava as precoces inclinações libertinas do seu jovem educando. Suspeito, sempre suspeito! Nada se chegara a provar contra Roberto. Nada, também, quando, um pouco mais tarde, uma sua amante conhecida por tal apareceu barbaramente assassinada. Outras monstruosidades lhe foram depois imputadas, que nunca ninguém provou. Decerto era Roberto muito astucioso na prática do crime. Decerto se encostava a poderosas proteções e cumplicidades. Um indefinível poder de sedução acompanhava, demais, os seus outros dons, e sem dúvida servia Roberto nas suas diabólicas maquinações. Ele o fizera conquistar, de muito novo, as melhores graças do soberano em cuja corte crescera. Quem ousaria, quem, atacar de frente, acusar com a necessária pertinácia o favorito do rei? Contra esse rei de quem era favorito, amado quase para além do natural, tramara Roberto, na sua própria corte, uma insidiosa conspiração. Assim fora o rei deposto do trono, espoliado dos seus bens e dignidades, expulso do reino. Contra todos os direitos de sucessão, (aniquiladas tinham sido quaisquer pretensões dos herdeiros mais próximos) no trono forçadamente vago se instalara Roberto.

Ora agora, tanto mais diabólico se mostrava Roberto quanto mais impotente era obrigado a reconhecer-se. Debalde a cabeça do Cavaleiro da Máscara fora posta a preço; - e por que preço! Uma verdadeira fortuna recompensaria quem, vivo ou morto, (o rei Roberto preferi-lo-ia vivo!) trouxesse até aos degraus do sólio, aos pés do soberano tão gravemente ofendido, aquele perturbador de toda a Ordem. Sim, debalde. Que forças de homem

poderão sustar o mar que se levanta, apagar um vulcão que referve, deter um tufão ou aprisionar a brisa...?

V

Roberto do Diabo! Roberto do Diabo! A lenda do nascimento de Roberto corria agora por todo o reino, - atualizada e confirmada pelos seus próprios desvarios. Quem a fora desenterrar, escondida como sempre estivera na memória dos velhos? Quem de novo trouxera a lume a discussão dos antigos crimes de Roberto, aliás obscurecidos pelos mais recentes? Quem, - antes de nas praças, nos púlpitos, nas assembleias, nas universidades, nos congressos, nas casas de espetáculo ou diversão, onde quer que se reunisse gente, aparecer certa figura de Monge Negro, acusando o tirano? aparecer como um fantasma, se impor como poderosa realidade. E monge de que nova ou remota Ordem? Mestre de que mestrado ou ensino, já que se chamava ele próprio mestre? A seu respeito ninguém sabia nada. Porém a sua palavra ou fulgurava como a espada do Cavaleiro da Máscara, empolgando qualquer auditório pela ofuscante eloquência, ou introduzia aos corações, às consciências, aos espíritos, o quer que se propusesse, ora com uma subtileza a que impossível era resistir, ora com uma demonstrativa clareza que de antemão refutava as objecções. Assim, também de redor da sua figura começara a Imaginação de compor a sua auréola - ou a aranha da Lenda de tecer a sua teia - o que, por certo, não deixava de servir os seus propósitos.

Breve lhe não bastou a palavra falada: Inúmeros opúsculos principiaram a ser distribuídos por todo o país, nos quais, pelo menos aos letrados, fácil se tornava reconhecer a fogueira verbal e a penetração analítica, a precisão lógica e o poder de comunicação ou persuasão do já célebre monge. Quem imprimia tais folhetos, de que prelos saíam, quem os espalhava que pareciam espalhados pelo vento? Também a tal respeito ninguém sabia nada. Por certo dispunha o seu autor de larguíssimos recursos, para assim manter, na clandestinidade, tal atividade de produção.

Claro que também já a sua cabeça estava posta a prêmio. Pois de que tratava ele, em todos os seus discursos, preleções ou panfletos, senão dos crimes e abusos do rei Roberto? senão da infâmia do reinado do rei Roberto? senão da *vacuidade* que, no fim de contas, era aquele pobre rei Roberto, por mais que a sua perversidade o fizesse temível, ou lhe desse uma aparência de conteúdo? Porque bem sabia esse extraordinário advogado de acusação como, perante a corruptível imaginação dos homens, até o crime, e precisamente quanto levado a excessos ou apuros que assombrem, pode criar uma espécie de grandeza. Tenebrosa grandeza, sim; - mas que nem por isso deixa de seduzir. O Príncipe das Trevas não é, simultaneamente, Lúcifer, - o que ilumina? o que leva a luz? E não era a ele que, por nascimento, Roberto parecia pertencer?

Ora então, quando pressentia que a própria Maldade estava sendo como um nimbo em torno da frente do rei, todos os recursos do orador, todo o engenho do escritor, os utilizava o Monge em reduzir o sinistro herói a um fantoche; um fantoche, um boneco movido por cordas que se poderiam inutilizar, afinal um triste doente, uma espécie de alienado, que tudo inspiraria menos respeito ou admiração, e tanto provocaria indignação como desprezo ou até dó. A testa dum reino e dum povo - é que não deveria continuar.

Sim, também pela sua cabeça fora oferecida uma fortuna. Como deitar-lhe a mão, porém? Ninguém tal ousaria enquanto ele falava: A simples força do seu verbo flamejante bastava a intimidar todas as ousadias. E quando propriamente não era o seu verbo que deslumbrava, era a profundidade da sua inteligência e a clareza dos seus raciocínios que se impunham aos mais renitentes, e os tolhiam. Morriam no ar os últimos sons da sua voz; desfazia-se o encantamento direto; já os mais atrevidos se atreveriam... mas já, como espectro que se esvai, tinha o Monge Negro habilidades de sumir-se, mais não deixando após si que o rastro da sua inspiração.

E só agora o povo cego abria os olhos! Só agora claramente via (pois dantes não fora senão como vendo sem ver) que monstro suportara tantos anos no trono. Só agora

entendia como vivera, e vivia, aterrado ou enganado por esse monstro; e como, afinal, não passava tal monstro dum títere movido por cordas... que urgia inutilizar.

De sorte que já não só o Cavaleiro da Máscara povoara de pesadelos as noites do rei Roberto; - de Roberto do Diabo. Também, tal como lha descreviam e a fantasiavam, essa delgada figura do Monge Negro se lhe apresentava em sonhos não menos terríficos, e lhe atirava ao pescoço a corda com que cingia o hábito à cinta. Por vezes se lhe misturavam no mesmo pesadelo os seus dois perseguidores. E então o rei Roberto mandava perseguir, mandava encarcerar, mandava torturar, mandava matar a torto e a direito, só porque nenhum dos seus homens era capaz de lhe trazer, vivo ou morto, nem um nem outro dos seus implacáveis inimigos. Haverá fera pior do que um tirano perverso e apavorado? Porém doutras vezes chegava o rei a suplicar, descia a lamentar-se diante dos cortesãos constrangidos, fazia cenas humilhantes de que depois se desforrava com novos requintes de ferocidade, pois se desesperava reconhecendo-as ele próprio indignas da autoridade real. Já não podia sofrer dúvidas, o rei Roberto esbracejava às bordas da loucura. E já era a cabeça dele, Roberto do Diabo, que estava em sério risco de rolar na onda de cólera que marulhava contra o seu trono, quando uma terceira misteriosa figura surgiu em cena.

## VI

Ainda mais misteriosa do que as outras. Ainda mais paradoxalmente em cena, pois, ao mesmo tempo, mais oculta em desconhecidos bastidores. Porventura só os que têm o dom de ver o comumente invisível - teriam podido descortinar a sua vera efígie. Falavam, estes, dum cavalo agora alvo de neve, (como não havia nenhum outro!) perpassando na linha do horizonte, - montado por alguém cujo manto não menos alvo como que levava as nuvens atrás. Mas eram videntes, estes: eram lunáticos, poetas, semiloucos, solitários, possessos do mal sagrado. Com toda a razão desconfiavam das suas visões as pessoas de senso firme. Até estas, porém, houveram de reconhecer o que era um facto: Alguém que parecia revestir diversas formas, assumir variados disfarces, - e só voar nas nuvens, diziam os videntes, quando recuperando a figura autêntica - se removia com inacreditável presteza dum a outro extremo do reino. Sob a figuração agora dum simples soldado, agora dum inesperado chefe, (que não era nenhum dos soldados existentes, nenhum dos chefes conhecidos) desfazia como por milagre as façanhas do Cavaleiro da Máscara. Já o Cavaleiro da Máscara estava cantando mais uma das suas vitórias locais: Inesperadamente surgia esse *alguém*, e logo um acaso providencial, um gesto heroico, um artil, um golpe de génio estratégico, -algo que não ocorreria às gentes do rei, ou nunca as gentes do rei saberiam levar a bom resultado - transformava em derrota a iminente vitória do cavaleiro ainda há pouco invencível.

A multidão é volúvel. Os homens gostam de experimentar, de variar, de trair; breve se enfastiam das admirações da véspera, ou aborrecem os ídolos que ainda há pouco incensaram. Já o cavaleiro ainda ontem invencível começava de perder terreno e prestígio.

Ora bater pela força, a agilidade ou a manha as armas do invulnerável cavaleiro, não era senão pequena ametade do prodígio. Logo após os seus triunfos bélicos, esse mesmo *alguém* vestia o burel dum frade mendicante; as surradas peles dum pastor; a desbotada blusa dum honesto mesteiral; a alpaca dum modestíssimo funcionário; a sotaina dum senhor clérigo da província; a labita dum decente cavalheiro da mesma... etc., etc. Quem sabe tudo que ele vestia?! E ora tinha a face glabra, ora punha barbas; ora usava suíças, ora só pêra ou mosca; ora exhibia retorcidos bigodes, ora mal apontava um tímido buço. Pelo que diz respeito à idade, na mesma: Hoje mancebo, amanhã senhor maduro; entretanto, velho provecto. De guisa que tanto se apresentava legítimo possuidor de belos dentes, fartos cabelos aliás furta-cores, como o súbito rigor dos imaginários anos o desdentava, e lhe depenava o crânio bosselado. Sob tão várias formas naturalmente conversava o nosso homem, discorria, comentava, gracejava, opinava, contava anedotas, aplicava fábulas e anexins. Assim, já não só o tal Cavaleiro da Máscara ia perdendo seus próprios adeptos militares, ou militantes, (se é que não caíndo, até, no ridículo, o tal cavaleiro da tal máscara)

como, pouco a pouco, se escapuliam ao Monge Negro os seus partidários e ouvintes. «Chiça para o tal monge negro com os seus discursos e perlangas!» cuspinhavam, já, muitos dos seus ex-admiradores. Pois à moderação nos juízos, à caridade nas interpretações, à reserva nas sentenças, ao bom senso e fino tacto na convivência e na aplicação das sanções, convidava por todos os meios o nosso mais recente triunfador. Pelo contrário, não incitava o palatário do monge senão a intransigência e ao ódio, ao exagero e à revelia...

Decerto, decerto gostam os homens de variar, de experimentar, de trair. Decerto se cansam de admirar, e, pelo menos, precisam de substituir os ídolos. Geralmente vencida a vibrante retórica, a esmagadora lógica do Monge Negro por umas simples, percucientes objecções do seu rival (acessíveis ao coração de toda a gente), já era estoutro quem agora estava na moda, e o resplendor do frade se diluía em fumo. Tanto mais que - não bastando ao nosso extraordinário Camaleão as simples e percucientes objecções, os comentários facetos, os hábeis apólogos ou inesperadas fábulas, parábolas, alegorias, - também muito capaz se revelava ele de alta eloquência e verve polémica. Por cima de tudo, não parava a Lenda de lhe prestar a sua quase indispensável ajuda. Não cessavam os videntes, os poetas, os lunáticos, os semi-loucos, os possessos e profetas de o tomarem como objeto ou pretexto das suas ideações e mensagens. Estes o figuravam des. pojado dos mesquinhos disfarces humanos, todo de branco como um serafim, e montando o seu cavalo igualmente branco; o viam, depois, esvair-se nas lonjuras do horizonte, arrebatando as estrelas ou como rasgando uma abertura no céu...

Miragens de quem não tem o senso muito firme! O certo, porém, é que já o rei Roberto principiava a ter algum sossego. Já, pouco a pouco, os seus terrores violentos rareavam, ou a ele mesmo lhe iam parecendo excessivos, - frequentemente substituídos por acessos duma particular melancolia não sem mistério nem gosto. Já os seus soldados voltavam aos quartéis, os seus lavradores aos campos, os seus funcionários às repartições, os seus operários às oficinas: todos os seus rebanhos, em suma, aos respectivos apriscos.

E os seus, ainda há tão pouco, poderosos inimigos? O tal Cavaleiro da Máscara? o tal Monge Negro? O povo é que sabe - ou não - como várias figuras que tão espetaculosamente enchiam o horizonte quase de repente se esfumam na bruma. E o povo somos nós todos. Real, todavia, - muito real fora a tortura do rei Roberto durante a ação daqueles seus inimigos. Tanto mais maravilhosa lhe parecia, agora, a intervenção do desconhecido salvador, por quem o seu duro coração transbordava de gratidão e curiosidade.

## VII

Só a embaciada luminosidade da lua mergulhava em palor a pequena clareira do bosque. Só o gorgolejar de qualquer fonte ali perto nem chegava a quebrar, antes o embalava, o silêncio como expectante. De redor era uma espécie de negra muralha, mas cuja profundidade se adivinhava, formada de arvoredos compactos em que não entrava luar.

Por um espaço aqueles três vultos haviam ficado mudos, cada um só atento ao seu monólogo interior. Até que o maior se levantou, e disse:

-Não te compreendo, não posso! Todos os meus recursos tinham sido postos em jogo. O nosso inimigo ia perdendo terreno a olhos vistos. Já o chão lhe fugia debaixo dos pés, e a revolta ia alastrando de maneira a contagiar todo o reino. A hora da nossa justiça parecia próxima! Comigo colaborava ativamente o nosso irmão. O que não fazia a minha força, ou a minha tática militar, a sua inteligência e a sua eloquência o faziam. De repente, apareceste; e devo felicitar-te! manifestaste poderes que pelo menos eu te ignorava...

- Que também eu te ignorava - secundou, como num eco, o segundo vulto.

Dirigiam-se os dois ao terceiro, que estava sentado numa pedra, a cabeça baixa, e, com a ponta do dedo, parecia desenhar arabescos na relva. Este alçou a fronte, e respondeu mansamente:

- Poderes que não são meus, irmãos.

Voltou à sua primeira posição. Com a ponta do dedo, continuava debuxando hieróglifos na relva.

- Teus ou do diabo! - prosseguiu com veemência o que primeiro falara - A verdade é que revelaste poderes que te não supúnhamos! que desenvolveste uma atividade assombrosa. Mas em favor da nossa causa?! Antes contra nós! a favor do nosso inimigo.

Em oposição a toda a nossa atividade se desenvolveu a tua. Ela frustrou o que teu irmão e eu julgávamos empresa comum...

- Que é nossa empresa comum - corrigiu, sempre manso, o interpelado.

-Pois explica-te! Para isso te convocámos hoje. Eu sou homem de guerra! Todo o meu génio e a minha ciência estão nas coisas da guerra. Admito que não tenha... reconheço que não tenho o entendimento necessário para compreender os meandros da tua conduta. Já nosso irmão aqui presente é homem de letras. Sempre a sua inteligência foi reconhecida. Só não vai mais longe, parece, quando se trata de ver claro em tudo isto. Uma suspeita que nos fere... que não conseguimos suportar... entrou no nosso coração. Não! não podemos crer que entre nós houvesse nascido um traidor! um perverso! e que sejas tu, o mais novo, o mais querido de nosso pai, quem desfaça o que para triunfo da justiça vínhamos nós fazendo...

Deu conta do seu próprio arrebatamento, que em parte o desgostou. Fez um esforço sobre si:

- Desculpa o ardor que me ferve nas veias! Contra a minha vontade transparece nas minhas palavras, eu não quisera ofender-te sem te ouvir. Sim, sou homem de guerra! Nosso irmão é que sabe falar. Ele te dirá o que não sei eu dizer-te.

De pé, recortado a negro na claridade baça que o circundava, as grandes e vigorosas pernas abertas, parecia uma estátua de bronze que se houvesse animado. Aquele a quem se dirigia é que permanecia sentado na sua pedra chata, a cabeça baixa, e como que sumido na sombra que, contra a lua, fazia o poderoso vulto do outro. No entanto de novo ergueu a frente, e observou com uma leve malícia na voz:

- Para homem de guerra te exprimes bastante bem, irmão.

E tornou a baixar a frente. Convidado a reforçar, com as suas letras, o que já fora dito pelo que primeiro falara, por seu turno se levantou o designado como homem de letras. Também este era de boa estatura, embora duma esbelteza menos avassaladora. Também a sua figura fazia sombra sobre o que permanecia sentado, e a quem também ele se dirigiu:

- Pouco poderei acrescentar - principiou pausadamente - ao que já disse nosso irmão mais velho. Natural é que tenha eu posto hipóteses... procurado explicações... algumas das quais me parecem plausíveis... a respeito do teu estranho modo de proceder. Ai, irmão! Tanto mais duvidamos quanto mais sabemos, ou julgamos saber. E sobre nós mesmos, homens, se torna ainda maior a nossa perplexidade! Por certo somos mais complicados que as pedras e as plantas, os animais a que negamos razão e até os fenómenos siderais. Quem sabe? talvez nos nem convenha sabermos de mais sobre nós mesmos! Pelo menos, divulgar-se de mais tal sabedoria. Talvez, também, nos aterre a penetração excessiva em mundos ainda escuros, incluindo os que em nós próprios se prolongam para além, para aquém, dos nossos gestos e palavras, da nossa atividade diária, dos nossos tratados sobre as faculdades da alma. Talvez, até, nos seja vedado ultrapassarmos certos limites: Podem não ser convenientes à nossa vida no orbe. Decerto há mais mundos que os já descobertos, conhecidos, sonhados! Porém o nosso espírito recua, o nosso entendimento vacila e teme, em se aventurando um passo no labirinto das esferas, nas sombras dos nossos próprios subterrâneos... A mesma infinidade de hipóteses que, a respeito do quer que seja, se podem apresentar ao nosso raciocínio - o acaba por desorientar. Dominamos os engenhos, os aparelhos, dominamos em parte as forças da Natureza. Mais difícil, porém, nos é dominarmo-nos a nós, e de pouco nos serve reconhecê-lo! Muitas vezes, conosco ou uns com os outros, nos agitamos como cegos desvairados, falamos como doidos que as palavras traem, incapazes de apreenderem sequer a lucidez implicada na sua própria loucura...

Tendo-se deixado enredar neste pequeno discurso, de que estava parecendo satisfeito, - aqui chegado pareceu tomar consciência de falar no vácuo: demasiado afastado

do caso concreto que, por agora, lhes interessava. Fez uma pausa, caindo em si. Neste breve intervalo se ouviu o suave gorgolejar da fonte oculta. Uma aragem muito subtil perpassou nas folhas, fazendo-as estremecer, e como deslocando-se dum para outro ponto do bosque.

- Desculpa, irmão - tornou ele. - Abandonei-me a um pequeno devaneio... Talvez seja defeito dos que têm grande uso da palavra, e um certo seu dom. Mas, se nos não abandonássemos... se não renunciássemos a só refletir... ou a sempre buscar a perfeição... como poderíamos chegar a agir? Teria eu agido como tenho, se me não houvesse entregado a impulsos e paixões?

Embaraçou-se um instante, logo se recompôs, e concluiu:

-Vês que sou incorrigível? Pois bem: o que de momento importa, é que também eu sinto que te deves explicar! Confesso, aliás, a minha grande curiosidade por ver confirmar-se alguma das minhas hipóteses, ou desvanecerem-se todas....

O que permanecia sentado continuara com o dedo divagando na relva, como se, porém, fosse um dedo consciente, esboçando caracteres cabalísticos por sua conta e risco. Parecia nem serem decifráveis tais sinais ao homem do dedo, ou, então, manter-se ele indiferente ao que o seu dedo escrevia. E depois deixou a mão quieta, ergueu de todo a cabeça, e disse com doçura:

- Desvii-vos um pouco, irmãos. Roubais-me a claridade da lua.

Ambos se desviaram por um rápido movimento instintivo. Dir-se-ia terem tomado súbita consciência de haverem estado cometendo um desacato; - o que a ambos surpreendeu. A lua surgiu entre eles e bateu na face, que pareceu de mármore vivo, do que estava sentado. Então se poderia ver que era um moço, cujos olhos resplandeceram ao luar. Teve um sorriso quase infantil, olhando um e outro dos irmãos. Parecia diverti-lo a presteza com que ambos tinham obedecido ao seu rogo.

- Pensais que saberia eu mesmo explicar-me? pôr tudo a claro como água? - respondeu com o seu modo manso, quase terno, e a sua longínqua malícia. Demorou um momento, e prosseguiu: - Sem o que fizestes, que poderia eu fazer? E que seria o que fizestes, sem o que poderei fazer eu..., ou já fiz? Não sabeis que trabalhamos de colaboração?

Na realidade, estas palavras nada explicavam; mas os dois pareciam ter ficado interditos. Novamente a fonte murmurou durante um breve silêncio. A mão do moço esboçara o gesto, logo retido, de continuar a escrever no chão. Depois, também ele se levantou. Não tinha a imponente robustez do primeiro, nem a estirada estatura do segundo; mas, pela harmonia das proporções, não se apoucava diante deles.

-Homens de pouca fé! - continuou - acreditais que o vosso irmão possa ser um traidor?

Apesar da brandura do tom, a sua pergunta fora feita com uma firmeza que exigia resposta.

-Não! - respondeu com a sua natural veemência o primeiro.

- Não - respondeu discretamente o segundo. - Mas por isso mesmo desejamos ouvir-te.

O mais novo poisou sobre os lábios, no gesto de quem manda calar, o dedo com que estivera delineando hieróglifos na relva.

- Aprendamos a esperar - disse por fim. - Cada um de nós não pode fazer senão o que pode. Crede, irmãos, que também eu pouco sei; mas sou o que mais espero! E aprendei que ter confiança em mim é passar por cima de mim...

Com estas palavras um tanto enigmáticas, e de novo sorrindo, estendeu a mão aberta. Um após outro, ambos os irmãos a apertaram nas suas. Leve, levemente vexados (em particular o das Letras) porque o mais novo se lhes impunha sem ter chegado a explicar-se, ao mesmo tempo sentiam uma afetuosa condescendência perante ele, e uma espécie de respeitoso assombro por acontecimentos que não podiam compreender.

Ora agora, em vez de blasfemar e bravejar, o rei Roberto chorava. Fechado consigo nos seus aposentos, escondido do mundo, chorava. Por muito tempo, devorado de terror e furor, se entregara aos seus mais noturnos instintos. A revolta perante o que lhe acontecia, e ele não podia entender nem justificar, o impedia de olhar para dentro de si. Lágrimas que então lhe viessem, decerto se queimariam no fogo das faces. Não vinham, não vinham, como não vem água dum calcinado rochedo. Mas agora, estava cansado; e podia descansar. Encolhido, no chão, a um canto de qualquer dos seus magníficos aposentos cerrados a toda a corte, encolhido como um cão doente e embrulhado como uma troixa nas suas reais vestes, podia, finalmente, ver-se diante de si mesmo; como diante do Mistério. Por isso chorava. Duas forças se tinham levantado no seu caminho, obscuras e devastadoras como forças da Natureza, e que o seu egoísmo diria sopradas contra ele do próprio Inferno. Outra se lhes opusera - superior a elas! como se a própria mão de Deus, assumindo várias formas, baixara a dominá-las. Ora Deus... Mas que poderia ele merecer a Deus?! Poderia vir Deus em auxílio de Roberto do Diabo? Não teriam de suceder coisas ainda mais espantosas, sob aquela aparência de tréguas? Era do Céu que o ajudavam, ou do Inferno que o perseguiam por maneiras agora indecifráveis? Não seria tudo ao contrário do que logravam alcançar vistas humanas? Seria ajuda, ou perseguição, o que lhe parecia ajuda? humilhação, ou amparo, o que lhe parecera humilhação? O que era Céu, o que era Inferno...?

Sem querer, ao mesmo tempo o rei Roberto olhava para dentro de si e para longe: como quem, levantando a cabeça, estende a vista pelas amplidões do espaço, depois de, curvado, ter estado embebido na água verde-negra dum poco. Lá no fundo, fundo, do sombrio coração, ia reencontrar o rei certa velha pisadura, agora mais sensível. Se as agitações dos últimos tempos quase lha tinham feito esquecer, a lembrança delas e o repouso de agora lha traziam de novo à superfície.

## IX

Um edital foi então presente ao público por todo o reino, que despertou a máxima curiosidade. Sabia toda a gente - dizia ele - como a ordem pública, a integridade do reino e, possivelmente, a preciosa vida de El-Rei nosso senhor, tinham sido salvas por um benfeitor misterioso. Debalde fora ele procurado!

Nunca se desvendara, nem viera receber os agradecimentos e homenagens a que tinha jus. Em sua honra daria El-Rei nosso senhor, a tantos do corrente mês, a maior festa já alguma vez realizada no palácio. Esperava El-Rei nosso senhor que então se dignasse ele aparecer, - lhe fizesse a graça de vir aceitar os agradecimentos e preitos que lhe eram devidos. Como seu rei lho ordenava; mas, sobretudo, como homem, como seu amigo, como seu grande devedor, - lho pedia.

Espalhado este edital por todo o reino, ansiosamente se aguar dou o dia marcado. Necessário será dizer que, de todos os cidadãos, era El-Rei Roberto o mais ansioso? Entretanto, toda a capital se preparou para condignamente receber o enigmático personagem. A multidão é leviana e os homens volúveis, como já foi salientado. Muitos dos próprios que, ainda há tão pouco, haviam servido o Cavaleiro da Máscara, muitos dos que mais vibrantemente haviam aplaudido as acusações do Monge Negro, prontos estavam agora a festejar aquele que se lhes opusera, e salvara o rei. Como, nos últimos tempos, mostrava o rei uma continuidade de humor beneficente que nunca, antes, se lhe conhecera, todos, menos os conspiradores profissionais ou sistemáticos inimigos da Monarquia, se inclinavam já a esquecer as suas cruéis excentricidades passadas, acreditando numa feliz evolução de que até certa humildade do edital dava provas.

Na manhã do dia prefixado, toda a cidade apareceu vestida de gala. Durante a noite se vestira. Das janelas pendiam as colchas mais ricas; palmas floridas se entrecruzavam nas paredes; sobre as ruas ladeadas de pendões faziam dossel cordas de verdura, e todos os barcos ancorados no cais palpitavam de flâmulas e galhardetes; as pedras do chão não se viam, tapetadas de espadanas e funcho. Requentava a decoração nas ruas vizinhas do palácio, por onde, forçosamente, passaria a tão esperada visita.

Dentro do palácio, não fora menor o zelo: os mais raros paramentos cobriam os muros do vastíssimo salão nobre. De todos os pontos do reino tinham chegado, convidados por Sua Majestade, quantos pertenciam à nobreza da nação. Não era para admirar que as damas houvessem envergado os seus mais sumptuosos trajos, tão pesados que, despidos, se manteriam de pé, e sobre os quais as joias faziam regatozinhos de cintilações. Vestidos de veludo e seda, por seu turno resplandeciam os cortesãos nas suas passamanarias de prata e ouro. Um pomposo estrado havia ao fundo, sob um dossel de brocado, onde o próprio rei campeava em toda a sua magnificência. E até a rainha desta vez viera, ela que voluntariamente vivia sequestrada nos seus aposentos, alheia a festas e políticas. Muito mais nova que El-Rei seu marido, uma lenda de formosura, infortúnio e bondade a rodeava, como uma auréola. Decerto a empurrara para aquela solidão em que, desde a flor dos anos, seguia preceitos de vida quase monacal, a perversidade e extravagância desse marido. Pois até ela nesse dia viera; e, vestida como rainha, pousava, majestosa e simples, ao lado de El-Rei. Todos achavam que ainda era formosa. Todos tinham verdadeiro gosto em a ver.

A hora marcada para início da recepção, uma salva de artilharia retumbou nos ares. Uma trombeta de prata ressoou nas abóbadas do salão. Centenas de pequenos balões multicolores foram lançados dos barcos no rio, enquanto, por toda a cidade, os sinos repicavam nas igrejas. E todos estavam sérios, mudos, o coração oprimido, - as grandes damas e os grandes senhores no salão imenso, a multidão formando alas nas ruas, contida por militares em uniforme de gala. Viria? não viria? Que decepção (agravada ainda pelo ridículo) - faltar aquele para quem se preparara tal recepção!

Mas já, nas ruas alcatifadas de ervas cheirosas, galopava um formosíssimo cavalo branco, montado por um moço que desmontou à porta do palácio. Uma ovação ininterrupta, delirante, subia para o céu, como se fora a própria voz da cidade. O moço entrou, e, seguido dos guardas, surgiu à porta do salão. Talvez, por segundos, todos aqueles brilhos o ofuscassem. Os mais altos dignitários da corte - principiando por alguns que desde já odiavam esse intruso - tinham vindo ao seu encontro. Logo se recompôs, e, sorrindo, avançou com gracioso desembaraço em direção ao trono. Estava todo vestido de branco, sem mais enfeites que uma cruz, no peito, pendurada dum fio singelo. Parecia uma criança, apesar do perfeito corpo de homem. Límpidos e grandes, os seus olhos brilhavam duma luz fixa, igual, e, à primeira vista, quase nada mais deixavam distinguir da sua gentil pessoa. Um murmúrio de admiração, que era, ao mesmo tempo, um suspiro de desopressão, o acompanhou até ao sólio, junto do qual ele ficou esperando. Viu toda a gente que não dobrava o joelho. E quando o rei lhe estendeu a mão, decerto para que lhe beijasse, limitou-se a pegar-lhe na ponta dos dedos, curvando-se ligeiramente. Beijou, depois, a mão da rainha.

- Bem-vindo sejas! - disse-lhe o rei - Toda a nobreza do nosso reino aqui está reunida em tua honra, para te render as graças que mereces. Todos te somos devedores! mas, como chefe deste reino, o mais agradecido sou eu. Além de tudo mais, do coração te agradeço teres comparecido. Diz-me quem és, e pede de mim o que quiseres!

Em voz vibrante e clara, que toda a sala ouviu, o moço respondeu:

- Sou o filho mais novo do teu rei: do rei que te protegia e tu traíste, destronaste, mandaste para o exílio, e já não é vivo. O que de ti quero é o teu arrependimento completo! a tua alma, Roberto, que vim roubar ao Diabo.

Um marulho de assombro correu toda a sala, como uma ondulação, com pequenos gritos sufocados aqui e além. E depois um silêncio tumular se fez, durante qual se diria que a eternidade substituía o tempo. O rei levantou-se esgazeado, desfigurado, convulso. Já a rainha também se erguera, com as mãos agarradas uma à outra no peito. Mas estava serena, embora pálida. Não se diria, até, que uma espécie de contentamento particularíssimo lhe alumiaava o rosto? Os olhos de todos iam intensamente dum para outro, posto se demorassem na figura de El-Rei. Os colos das damas subiam e baixavam, subiam e baixavam pela angústia da respiração, fazendo cintilar as pedrarias. Mais insofridos, alguns dos cortesãos tinham esboçado o movimento de se lançarem sobre o audacioso visitante, só detidos pela perplexidade em que os deixava a atitude do seu soberano: Porque este parecia nada poder dizer, e só dava mostras duma agitação cada vez maior. De



repente, lançou de si o manto de arminho, estorceu-se como se estivesse com dores, agatanhou-se no peito procurando espedaçar as ricas vestes, e, com um piparote, lançou pelos ares a sua coroa de ouro, que foi rolar no chão lá longe. Se não chocalhou lá longe um terlim-tim-tim falsete, como, certa noite de tempestade, certa coroa de lata que a imitava, é porque o chão estava aqui revestido de espessas alcatifas. Então, Roberto lançou-se por terra, humilhando-se aos pés do moço vestido de branco; e, atirando furiosas punhadas ao peito, disse aos berros:

- Pesa-me! pesa-me do que fiz! O meu trono pelo teu perdão!

- O trono que ainda chamas teu pertence a meu irmão mais velho - voltou tranquilamente o moço. - É ele o seu legítimo herdeiro. Perdão, já Deus to concedeu, pois que te arrependes dos teus crimes. Eu em nome de meu pai te abraço: Lá onde está, não há lugar para ódios.

E, curvando-se, levantou nos braços o pobre rei que soluçava. A rainha continuava a parecer serena; mas tinha, agora, as mãos postas, e as lágrimas corriam-lhe em fio pelas faces pálidas.

Todos que, transidos, assistiam a estes acontecimentos extraordinários e simples, disseram depois que a fronte do moço príncipe resplandecia como a dum mensageiro celeste. Sugestão, imaginação das damas, sem dúvida, logo comunicada a seus maridos, amigos, amadores. Porque, no coração humano do moço príncipe, dois sentimentos pecaminosos se tinham revelado, que ele teve de escorraçar como a insetos importunos: «Pai, estás vingado! E que dizeis a isto, meus irmãos?»

## O CAMINHO

A manhã estava cheia de sol, e eu deixei-me ir indo pela estrada fora. De um lado e outro, os campos verdes jaziam na luz, desenrolados como tapetes imensos que desaparecessem nos horizontes longínquos sem, contudo, parecerem acabar. Os meus olhos é que já não podiam abrangê-los. Uma arvorezinha direita, fina, com os galhos sem folhas enfeitados de flores cor-de-rosa, recortou-se no azul do céu quase como um desenho. Depois ficou para trás, porque eu ia indo sempre. Quando voltei a cabeça, já não a vi. Certamente me adiantara muito, se é que não mudara de estrada. Como, a espaços, me perdia num devaneio que nem por ser vago, sem objeto definível, deixava de ser profundo e absorvente, era isso possível: ter mudado de estrada e não ter dado por tal. Continuava, todavia, por uma estrada perfeitamente semelhante à primeira, se primeira e segunda houvera. Os mesmos campos rasos, verdes, se estendiam extáticos de um lado e outro, e nenhuma árvore voltou a aparecer. Nenhuma árvore, nenhum arbusto. Não soprava a mais leve aragem. Também não passava ninguém. Só o devaneio em que tombava, e que não fitava nada de concreto, me permitiria ir assim avançando por aquela estrada erma, possivelmente por aquelas estradas ermas, não chegando a sentir, mas quase sentindo, que talvez já se fizesse tarde para regressar a horas. A dada altura, este quase sentimento definiu-se-me, e tive uma ligeira perturbação. Antes uma inquietação mal consciente, e que não vinha só de eu pensar (porque depois o pensei claramente) que já devia ser tarde para regressar a horas: Vinha também de aquele silêncio, de aquela calma, de aquela solidão, de aquela própria luz imutável, - o Sol continuava alto - e de aquela espécie de irrealidade que o silêncio, a calma, a solidão, a luz, criavam àquela Natureza tão real. Não era a primeira vez que o natural me parecia penetrado de sobrenaturalidade,- várias vezes tenho tido sensações idênticas em sítios solitários cheios de luz ou, pelo contrário, mergulhados na sombra - e a minha inquietação não passava de uma ligeira inquietação... ligeira e subtil. Apenas desejei que passasse alguém. Era compreensível que sucedesse passar alguém! E também não sabia se bastaria voltar, refazer em sentido inverso, ou que julgasse inverso, o que supunha ter andado, para na verdade regressar a casa; a Vila Meã, onde aluguei casa. Não sabia ainda o que verdadeiramente andara, ou por onde passara, pois desconhecia estes caminhos, e me deixara vir vindo, ir andando, numa daquelas abstrações a que sou sujeito. Se passasse alguém informar-me-ia... Ah, oxalá passasse alguém!

Não passava ninguém. E eu continuava andando, com receio de me perder mais se tentasse voltar para trás, quando se me afigurou avistar ao longe uma vereda que se abria, entre muros baixos, num dos campos: qualquer coisa, enfim, que interceptava esta monotonia que principiava a pesar-me. Estuguei o passo, quase ansioso.

Havia com efeito uma vereda, que ia serpenteando entre os campos até às lonjuras do horizonte indistinto. E mais: havia gente!

Dois garotos estavam à entrada da vereda; e mais longe, um vulto que não cheguei a diferenciar como de homem ou mulher. Um dos rapazes era gordo, acachapado, com umas pernas curtas e curvas. Esgaravatava na terra com os dedos. Foi a este que me dirigi, por estar mais perto:

- Ouve lá: Queria voltar para Vila Meã. Qual o melhor caminho? Não sei se hei-de tornar para trás...

Ele levantou a cabeça, encarou-me longamente como examinando-me, e, sem dizer nada, recomeçou a esgaravatar na terra. Achei que talvez não devesse tê-lo tratado tão familiarmente, pois a sua cara não era de criança. Estava retalhada de rugas, encorilhada como um papel amarrotado, e, sob as pálpebras tumefactas, os olhinhos escuros brilhavam de malícia. Ao mesmo tempo, como acreditar que fosse um homem?

-Queria voltar para Vila Meã... - repeti - Sabes dizer-me se esta vereda vai lá ter?

Durante momentos, ele não deu mostras de haver percebido.

Depois novamente ergueu a cabeça para mim, sempre com ar de examinar-me como se eu fosse uma curiosidade; e, repentinamente, riu-se, deixando ver uns dentes negros, tortos e com falhas. Tornou a baixar a cabeça, e compreendi que já não fazia mais caso da minha pessoa. Revoltado, voltei-me para o outro. Era um rapazote espigado, com ar perfeitamente normal. Decerto, a este devera eu ter-me dirigido.

- O teu companheiro é esquisito! - disse-lhe - Sabes tu se esta vereda irá ter a Vila Meã?

O rapaz olhava-me de frente, com o seu ar perfeitamente normal. E, sem razão aparente, uma impressão de mal-estar me tomou, e eu tive a certeza de que também este me não responderia.

De facto, ele remexeu num dos bolsos do casaco, tirou um caderninho de notas sebento, depois uma ponta de lápis, e, voltando-me costas, inclinou-se sobre o muro baixo e pôs-se a escrever no tal caderninho. Esperei uns instantes, pensando comigo: «Estupores de rapazes!» Vendo que eu me não retirava, ele virou a cabeça devagar, olhando-me de lado com um pequeno esgar de troça. Já o seu rosto mudara de expressão, e o seu ar não me parecia perfeitamente normal. Os meus olhos procuraram então quem quer que estava um pouco mais longe, numa reentrância do muro, e que percebi ser um homem sem o distinguir perfeitamente.

- Não faça caso! - gritou-me a criatura - Siga o seu caminho!

Qual caminho? Mas já não me atrevi a perguntar mais nada. Encomendei ao Diabo aquela gente e prossegui pela estrada, que era sempre a mesma. Sempre a mesma durante algum tempo, com aqueles estendais verdes de um lado e outro, nem percorridos da mais ligeira brisa, silenciosos sob a luz ofuscante. Porque a luz ao princípio fresca, matinal, ia-se tornando ofuscante, e começava a afligir-me como se tivesse peso. Certamente, eu poderia retroceder. Mas parecia-me que deveria haver um caminho mais breve, um atalho, um transporte, um meio qualquer de regressar à vila, (princiava a desejar ansiosamente sair de aquele embaraço!) além de que a ideia de refazer, em sentido oposto, os passos andados me inspirava uma espécie de temor ou desconfiança. Agora, a estrada ia descrevendo uma curva, - eu já perdera de vista a vereda. Pus-me a pensar que, seguindo esta curva, poderia vir a reencontrar o ponto de partida. Era isto um raciocínio: mais um esforço para pensar isto do que pensá-lo naturalmente. A curva da estrada, porém, ia-se apertando; e não sei como, eis que me vi parado, tolhido, trémulo, perdido numa espécie de encruzilhada ou labirinto, pois inesperadamente reconhecera que uma segunda estrada cortava a primeira, e a cada uma delas vinham ter congostas, e eu já não sabia se abandonara, ou não, a primeira e metera, ou não, pela outra. O desassossego ainda vago, mal definido, que me viera penetrando, corporizou-se-me então num primeiro movimento

íntimo de pavor, autêntico pavor... mas de quê?! E recomeçara a andar, ao acaso, para fugir a esse pavor...

Felizmente, ouvi passos atrás de mim: passadas rápidas, rítmicas, sonoras, batidas com firmeza no chão duro, como chapadas. Ah, que alívio! Sempre havia de ser alguém. Voltei-me com alvoroço, e vi duas mulherzinhas que se diria virem no meu encalço. Eram pequenas e largas, atarracadas, muito iguais entre si como gêmeas ou copiadas uma da outra. Apesar do sol ou talvez por causa do sol, traziam capotes pela cabeça. A cada passada, as sapaterras brutas apareciam-lhes de sob as saias compridas, martelando o chão. Não vinham no meu encalço, pois já iam passando como se não me vissem.

- Senhoras! - bradei-lhes eu - Queria ir para a vila... Vila Meã. Podem dizer-me se isto vai lá ter? ou indicar-me o caminho...

Elas, que já me haviam ultrapassado, voltaram-se ambas ao mesmo tempo, olhando-me com espanto. Depois olharam uma para a outra, de novo se viraram para mim, tornaram a olhar uma para a outra, e largaram ambas ao mesmo tempo uma risadinha súbita, rouca, entrecortada como um cacarejar de galinhas. Posto isto, lá iam seguindo apressadas.

- Não ouviram?! - gritava eu correndo atrás delas - podem dizer-me o caminho para Vila Meã?...

Mas os estafermos pareciam ter asas nas sapaterras. Já me levavam grande dianteira. «É capaz de não passar mais ninguém» pensava eu com angústia «E capaz de não passar mais ninguém, tudo é aqui deserto... Que há-de ser de mim se não passa mais ninguém?!» A minha angústia era talvez excessiva, desproporcionada com as circunstâncias. Mas o dia começara tão risonho, a manhã estava tão convidativa, a estrada, ao princípio, era tão bela, os campos tão verdes e tranquilos, o sol tão reconfortante!... Como se mudara tudo, aparentando aliás o mesmo? Por que deixara eu a minha vila? Que era tudo isto, afinal? Como podia acontecer o que me estava acontecendo...?

- Esperem aí, suas bruxas! suas bruxas!

E, de repente, vi-me só. Outra vez só, num ermo cada vez mais inquietante. As bruxas haviam desaparecido. Teriam metido por qualquer outro atalho; ou talvez se tivessem desfeito, evolado, sumido pelo chão dentro, - sabia eu lá o que havia de pensar! E caminhava outra vez na estrada lisa, interminável, direita, luminosa; luminosa, mas de uma luz que subtilmente eu percebia ir agora esmorecendo, esfriando, não sei bem como diga: porque a verdade é que o sol, parado, era o mesmo, e de modo nenhum se poderia supor que viesse caindo a tarde ou aproximando a noite... Melhor se diria que eram os meus próprios olhos que toldavam a luz. Mas sozinho -é que já não me sentia. A impressão me viera de estar sendo observado por alguém cuja presença invisível apenas se me revelava por essa mesma impressão. Inesperadamente, a estrada fez de novo uma curva. Então *vi-o*, - Vi esse alguém cuja proximidade já adivinhara. Estava sentado à berma da estrada (na realidade, parecia *sentado no ar*) com as mãos pousadas nos joelhos e o tronco hirto. Quando o encarei, os seus olhos intensos olhavam-me fixos. Já deviam olhar-me antes de a sua presença me aparecer. Baixou-os logo que falei. Era um velho, de barbas que lhe cobriam todo o peito. E certa aparência oferecia de não ser um indivíduo vivo, talvez porque estava coberto de pó ou cinza finíssima.

-Queria voltar para Vila Meã! - disse-lhe eu abruptamente e com ansiedade - Mas perdi-me, creio que me desviei... Poderia indicar-me o caminho...?

Ele não se mexeu. Parecia uma estátua de pedra num equilíbrio difícil.

-Pelo amor de Deus! - solucei, pronto a lançar-me a seus pés - responda-me alguma coisa! Já estou aflito...

Sem erguer os olhos, delineou no ar um gesto vago, que ficou suspenso, e tanto poderia sugerir uma direção como significar pura indiferença. A querer sugerir uma direção não era para trás que eu devia andar. Antes para diante, sempre.

- O senhor não tem fala?! - gritei eu, exasperando-me - não pode responder-me?

E logo me veio à ideia: «é capaz de não ter fala!» relacionando isto com o parecer ele uma pedra ou estar coberto de cinza. Aliás, ele ia-se-me encobrendo, eu começava a distingui-lo mal... Fechei os olhos e corri desesperado, corri às cegas e para diante, sempre; até me sentir arquejante e ainda continuar. Quando me deixei cair por terra, sem poder

mais, e abri os olhos, estava numa espécie de praceta deserta: mais deserta que todos os caminhos ermos que atravessara. Uma luz crepuscular havia ali, como se fora anoitecendo enquanto eu corra de olhos fechados. E diante de mim, tapando todo e qualquer horizonte, levantava-se uma fachada que parecia terminar onde já eu a não via; tanto mais que, decididamente, os meus olhos se tinham embaçado, e não era só por causa da sombra que eu distinguia mal as coisas. Tinha um portão e janelas, essa fachada, mas que ainda lhe aumentavam o aspecto de inexorável silêncio. As janelas altas e sem vidros estavam cerradas por dentro. Inútil seria recorrer àquele portão sem batente nem fechadura. E, tendo semelhanças com a frontaria de uma catedral, porventura de um convento, era a de um jazigo que essa fachada lembrava: a de um imenso jazigo. «Mas já estou longe!» pensei com terror «Como é que andei tanto? Como é que hei-de voltar? Já estou muito longe...» Uma reminiscência apontara em mim de esta fachada muda, que já conhecia mas não sabia de quando, ou sobre a qual recebera não sabia quando qualquer fugidia notícia... Inexplicavelmente, ao mesmo tempo isto aliviava o meu terror e o aprofundava. Levantei-me. Sabia ao menos, agora, que devia tornar para trás, embora me sentisse exausto. Porém ao levantar-me, vi ao meu lado direito uma fachada igual. Voltei-me com sobressalto, e vi o mesmo frontispício mudo por trás de mim. Olhei para a esquerda, e era sempre a mesma fachada. Um longo arrepio me percorreu o corpo, e logo me senti encharcado em suor glacial. Mas ainda agora eu entrara aqui! agora mesmo. Isto devia ter uma entrada, uma saída... Nenhuma saída. Nenhuma entrada. Eu estava encerrado neste jazigo formado por estes quatro jazigos iguais! neste poço quadrado, neste caixão monstruoso... Olhei para cima e vi lá muito longe, muito em cima, um quadradinho de céu mas também plúmbeo. Ou era dos meus olhos que viam cada vez menos. Seria preciso ter asas para fugir por ali! ou trepar por aquelas paredes imensas. Que era isto que me sucedia, que era tudo isto?! Ouvi a minha própria respiração ofegante. Ainda hoje eu saíra de Vila Meã, ainda há pouco atravessara espaços abertos inundados de sol... Dei então um berro de supremo pavor, mas que não produziu nenhum som. Uma garra me atanzava a garganta, ou um chumaço me estrangulava, eu gorgolejava no esforço por que o meu berro se ouvisse... E, neste esforço, acordei. Acordei? Mas que digo eu que acordei? Acordei na minha rica, na minha querida cama pobre, de onde todos os dias me levanto para seguir todos os dias o mesmo caminho, o caminho da Repartição em que trabalho...?! Acordar, isto? A minha angústia e o meu pavor não acalmavam. O meu corpo estava, de facto, encharcado em suor gélido. Continuava, até, o meu esforço por que o meu berro se ouvisse... Decerto eu apenas sonhava que acordara; - e o sonho ia prosseguir.